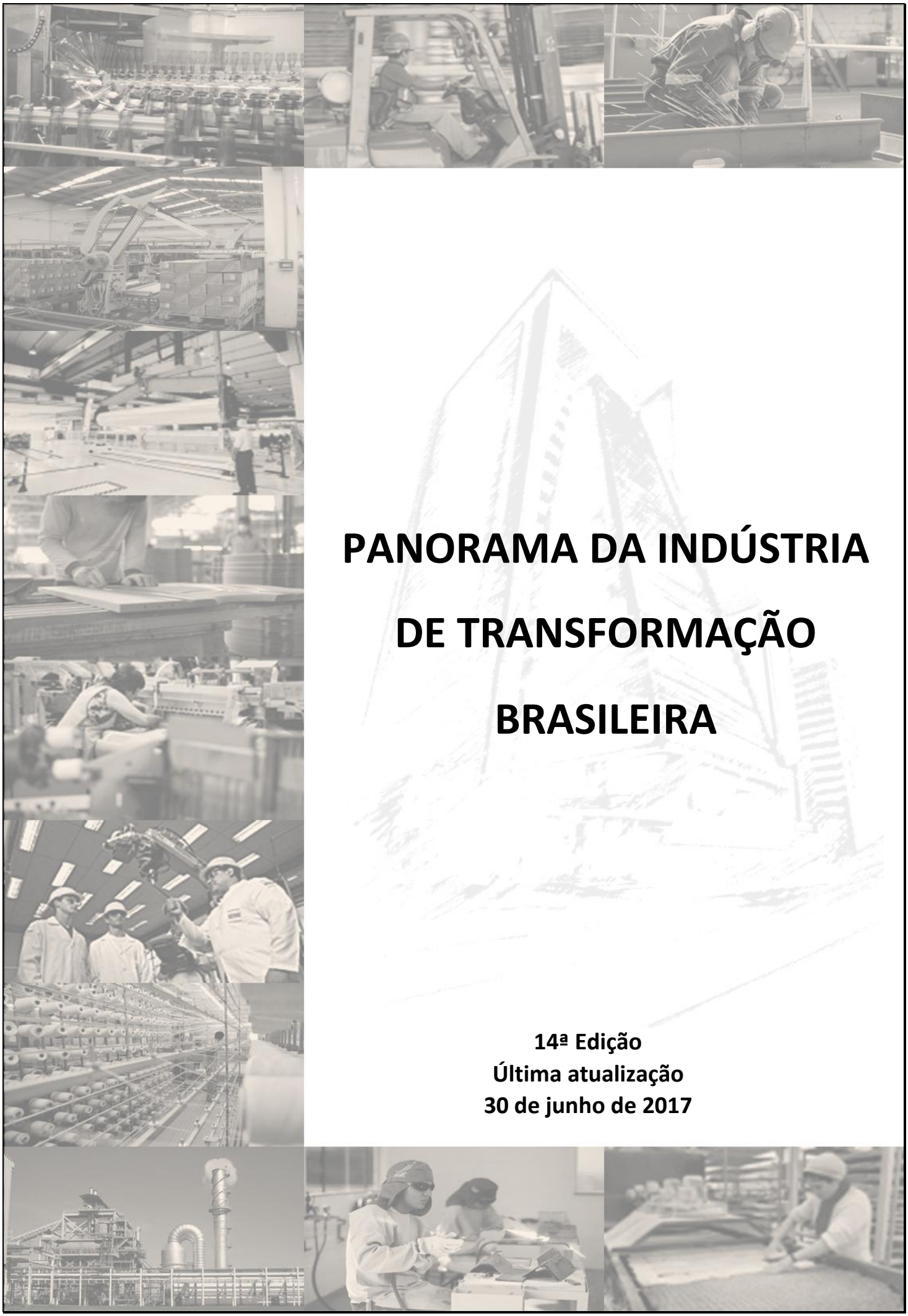


PANORAMA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA

14ª Edição
Última atualização
30 de junho de 2017

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5
1. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL 6
1.1. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no PIB 6
1.2. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal e no Número de Estabelecimentos Industriais 8
1.2.1. Evolução do Emprego Formal 8
1.2.2. Evolução do Número de Estabelecimentos 10
2. A INDÚSTRIA BRASILEIRA ATUALMENTE 11
2.1. Principais Setores da Indústria no PIB 11
2.1.1. Participação Setorial no PIB 12
2.1.2. Distribuição do Valor Adicionado da Indústria por Estados Brasileiros 13
2.2. Empregos Formais 15
2.2.1. Distribuição Setorial do Emprego Formal 17
2.2.2. Distribuição do Emprego Formal nos Estados Brasileiros 18
2.3. Estabelecimentos Industriais 19
2.3.1. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais 20
2.3.2. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais entre os Estados da Federação 21
2.4. Distribuição da Indústria de Transformação por Porte 23
2.5. Distribuição Espacial dos Grandes Estabelecimentos Industriais no Brasil 25
3. A INDÚSTRIA PAULISTA 29
3.1. Evolução da Participação do Emprego Formal na Indústria de Transformação e do Número de Estabelecimentos Industriais no Estado de São Paulo 29
3.1.1. Evolução do Emprego Formal na Indústria Paulista 29
3.1.2. Interiorização do Emprego Industrial Paulista 30
3.1.3. Evolução dos Estabelecimentos Industriais Paulistas 34
3.1.4. Migração dos Estabelecimentos Industriais Paulistas para Outros Estados Brasileiros 34
3.2. Retrato da Indústria de Transformação do Estado de São Paulo 38
3.2.1. O Valor da Transformação Industrial do Estado de São Paulo 38
3.2.2. Empregos Formais 40
3.2.3. Distribuição Setorial do Emprego Formal Paulista 40
3.2.4. Distribuição dos Empregos Formais Industriais por Região Administrativa 41
3.2.5. Estabelecimentos Industriais 43
3.2.6. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais 44

3.2.7. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais por Regiões Administrativas 45

3.2.8. Distribuição da Indústria Paulista por Porte 47

3.2.9. Distribuição Espacial das Empresas de Grande Porte da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo 49

4. ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO 53

Índice de Tabelas

Tabela 1: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2015 13
Tabela 2: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2014 14
Tabela 3: Taxa de Formalidade por Setores da Economia Brasileira em 2015 16
Tabela 4: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Brasileira em 2015 17
Tabela 5: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015 19
Tabela 6: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2015 21
Tabela 7: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015 23
Tabela 8: Quantidade de Estabelecimentos por Porte para Setores da Indústria de Transformação no Brasil em 2015 25
Tabela 9: Concentração dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015 26
Tabela 10: Estados Brasileiros que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores com Maior Número de Estabelecimentos deste Porte em 2015 28
Tabela 11: Participação do Emprego da Indústria de Transformação no Total de Empregos Formais das Regiões Administrativas de São Paulo entre 1985 e 2015 31
Tabela 12: Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1985 e 2015 32
Tabela 13: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1985 e 2015 por Estados Brasileiros, Participação no Brasil e Variação no Período 36
Tabela 14: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1985 e 2015 por Setor e Variação no Período 37
Tabela 15: Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação por Setor no Estado de São Paulo em 2015 39
Tabela 16: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Paulista em 2015 41
Tabela 17: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015 43
Tabela 18: Estabelecimentos por Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2015 . 45
Tabela 19: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015 46
Tabela 20: Porte Médio e Quantidade de Estabelecimentos por Porte dos Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2015 48
Tabela 21: Quantidade de Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Porte em São Paulo e no Brasil em 2015 49
Tabela 22: Estabelecimentos da Indústria de Transformação de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015 50

Tabela 23: Regiões Administrativas de São Paulo que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2015 52

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Evolução da Participação da Indústria de Transformação Brasileira no PIB (1947 a 2016) 6
Gráfico 2: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Brasileiro.....9
Gráfico 3: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Brasileiros..... 10
Gráfico 4: PIB por Setores da Economia Brasileira em 2016..... 11
Gráfico 5: Empregados Formais por Setores da Economia Brasileira em 2015 15
Gráfico 6: Estabelecimentos por Setor da Economia Brasileira em 2015 20
Gráfico 7: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2015 24
Gráfico 8: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Paulista 29
Gráfico 9: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Paulistas 34
Gráfico 10: PIB por Setor da Economia Paulista em 2014..... 38
Gráfico 11: Empregados Formais por Setores da Economia Paulista em 2015 40
Gráfico 12: Estabelecimentos por Setores da Economia Paulista em 2015..... 44
Gráfico 13: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2015 em São Paulo 47

Índice de Figuras

Figura 1: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) pelos Estados Brasileiros em 2015..... 27
Figura 2: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015 51

APRESENTAÇÃO

Qual a importância da indústria na economia brasileira? Como a indústria tem evoluído nos últimos anos? Quais são seus principais setores? E a indústria paulista, qual a sua importância? Quais são as instituições de representação e apoio à indústria paulista?

Estas e outras questões, que nos são frequentemente postas, nos motivaram a criar este trabalho que oferece um panorama da indústria brasileira e também, em particular, da indústria paulista.

O trabalho foi elaborado com dados de domínio público, de fontes como IBGE e Ministério do Trabalho e Emprego, além de informações institucionais, da FIESP e do CIESP. O objetivo é fornecer, de forma consolidada, um conjunto de informações sobre a indústria brasileira, a indústria paulista, a Federação e o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Primeiramente, apresentamos o processo de perda de participação da indústria na economia brasileira pelo qual o Brasil vem passando desde meados dos anos 1980, destacando a evolução da participação da Indústria de Transformação no PIB, nos empregos formais e nos estabelecimentos.

Em seguida, a indústria atual é distribuída por seus setores e pelos estados brasileiros, de acordo com valor adicionado, emprego formal e estabelecimentos. No caso dos estabelecimentos, também é apresentada sua distribuição por porte industrial e a localização no Brasil dos estabelecimentos de grande porte.

Abordagem semelhante é dada à indústria paulista: são apresentadas a evolução e a distribuição setorial e espacial de seu valor da transformação industrial (*proxy* para o valor adicionado), seus estabelecimentos e seu emprego formal. Podemos destacar as análises feitas sobre a migração atividade industrial do estado de São Paulo para os outros estados do país e sobre o processo de "interiorização" da indústria, que, ao longo de um período de 30 anos, perdeu importância na região metropolitana de São Paulo e ganhou importância em algumas regiões do interior do estado.

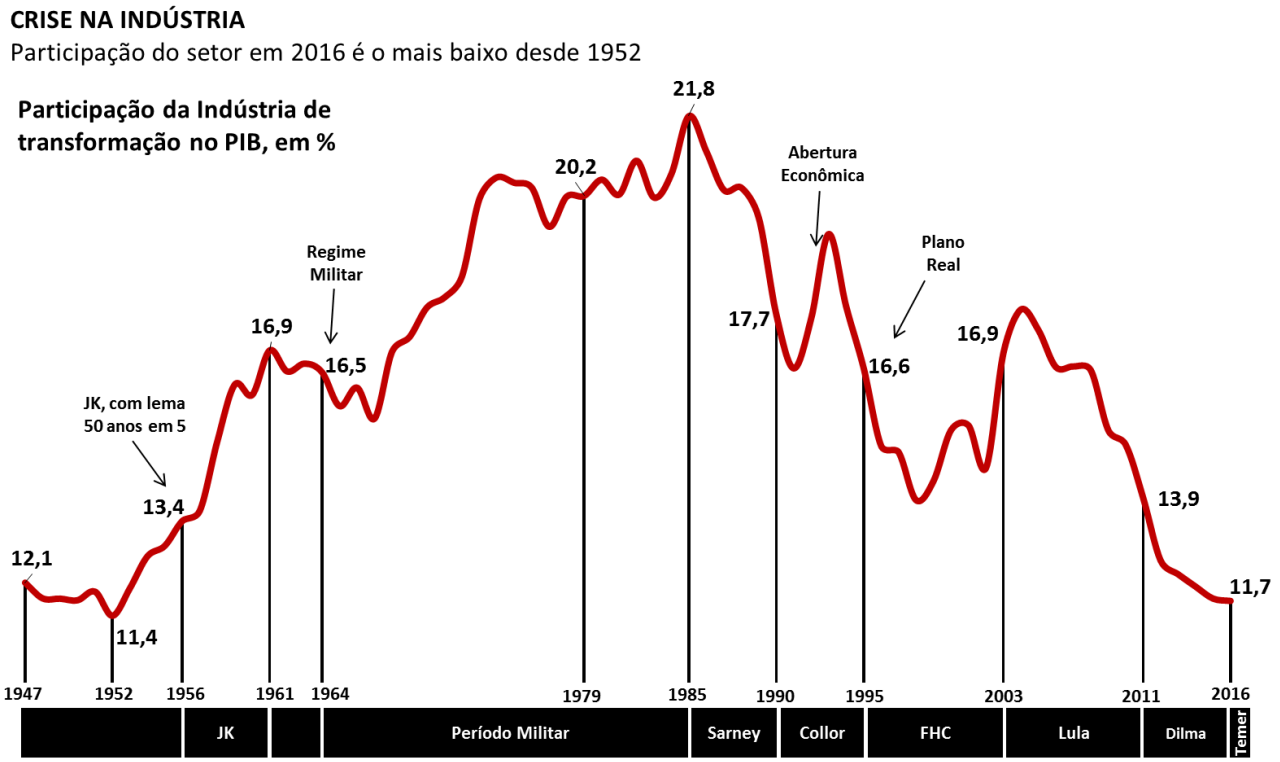
Encerrando este trabalho, apresentamos as entidades de representação da indústria do Estado de São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP e CIESP), e o papel e atuação das entidades de apoio às indústrias, SESI e SENAI.

1. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

1.1. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no PIB

Entre 1947 e 2016, a participação da indústria de transformação no produto interno bruto (PIB) apresentou dois períodos distintos, conforme observado no gráfico abaixo. Dos anos 1950 até 1985 transcorreu o primeiro período, caracterizado por um intenso processo de crescimento, diversificação e consolidação da estrutura industrial brasileira. Foi nesse período que a participação da indústria de transformação no PIB quase duplicou, saltando dos 11,4% em 1952 para 21,8% em 1985. Já no segundo período, com início em 1986, observa-se uma expressiva perda de participação da indústria na produção agregada do país, o que configura um processo de desindustrialização. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e estimativas da FIESP, a participação da Indústria de Transformação no PIB declinou mais de 10 pontos percentuais ao longo do último período, atingindo, em 2016, a marca dos 11,7%. Com o objetivo de destacar alguns fatores explicativos dos dois períodos anteriormente ressaltados, será apresentado, nas páginas a seguir, um breve retrospecto do desenvolvimento da indústria no Brasil.

Gráfico 1: Evolução da Participação da Indústria de Transformação Brasileira no PIB (1947 a 2016)



Fonte: IBGE. Metodologia: Bonelli & Pessoa, 2010. Elaboração: DEPECON/FIESP

Contexto Histórico: O Processo de Desindustrialização no Brasil

No período que se estende do pós Segunda Guerra Mundial até o primeiro choque do petróleo (1973), a economia mundial passou por um processo de forte crescimento econômico liderado pela indústria. O Brasil aproveitou esse cenário externo favorável para implementar duas grandes políticas industriais capazes de alterar a estrutura industrial doméstica: o Plano de Metas (1956-1961) e o II PND (1974-1979). Planejado e fomentado pelo Estado ao longo desse período, o processo de industrialização brasileiro ganhou força com a instalação das indústrias de bens de consumo duráveis, bens de capital, insumos básicos e energia. Portanto, em face desse período de intensas transformações estruturais, a participação da indústria no PIB aumentou fortemente.

No entanto, após esse período, a economia mundial passou por vários eventos adversos que influenciaram negativamente o ambiente macroeconômico, a demanda agregada e, por consequência, o crescimento da indústria. Destacam-se o segundo choque do petróleo (1979), o forte aumento da taxa de juros pelos EUA e a consequente crise da dívida pela qual o Brasil e outros emergentes passaram, a aceleração da inflação doméstica nos anos 1980 e as crises financeiras da década de 1990 (mexicana, asiática e russa). A partir dos anos 1980, todos esses fatores contribuíram para uma mudança de patamar na participação da produção industrial no PIB da economia mundial (Bonelli,2005)[1].

Nos países desenvolvidos, o processo de desindustrialização foi resultado do crescimento da produtividade na indústria de transformação, ou seja, esteve associado ao aumento do emprego de alta produtividade e elevada qualificação da mão de obra neste setor, o que transferiu trabalhadores para os outros setores da economia. Esse processo resultou em crescimento da produtividade total da economia, sendo, portanto, um processo virtuoso, natural e de mudança estrutural no desenvolvimento econômico (Rowthorn e Ramaswamy, 1999)[2].

Já no caso do Brasil, o processo de desindustrialização é precoce e nocivo à economia nacional, pois se associa a fenômenos negativos, tais como a perda de competitividade das exportações industriais, que se manifesta por meio da reprimarização da pauta exportadora; e o aumento das importações não somente de

[1] Bonelli, R. (2005). "*Industrialização e Desenvolvimento: notas e conjecturas com foco na experiência do Brasil*". Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Agosto.

[2] Rowthorn, R.; Ramaswany R. (1999). "Growth, Trade and Deindustrialization". *IMF Staff Papers*, Vol.46, N.1

bens de capital e de consumo (sobretudo da China), como também de insumos industriais, o que afeta nocivamente diversas cadeias produtivas da indústria brasileira (Cano, 2012)[3].

Com relação a esse último fenômeno, observa-se um aumento da participação de produtos importados da indústria de transformação no consumo interno, perceptível nos resultados do Coeficiente de Importação, divulgado pela FIESP, que saltou de 13,9% no início de 2007 para 21,1% no mesmo período de 2012, e manteve-se em patamar próximo aos 20% desde então. Esse aumento expressivo do coeficiente de penetração de importados evidencia a ocorrência de um vazamento do crescimento da indústria para o exterior.

A economia brasileira entre 2003 e 2010 teve tentativas de retomada do crescimento graças à combinação de três fatores, sendo eles o cenário externo favorável, o ambiente interno estável e a ampliação do mercado doméstico. No entanto, nos últimos anos, a economia brasileira passou por um forte declínio no crescimento, encerrando dois anos seguidos com forte queda do PIB e uma queda ainda mais acentuada da indústria de transformação.

Os principais fatores que impedem o crescimento da economia brasileira são, entre outros, a infraestrutura deficiente, o câmbio excessivamente valorizado, os entraves burocráticos, a elevada carga tributária e os juros e *spread* reais acima da média mundial. Estes fatores impactam na competitividade da indústria de transformação instalada no país, que, ao ser exposta a uma concorrência internacional cada vez mais acirrada, acaba perdendo espaço na geração de emprego, renda e produção, ocasionando a estagnação da economia nacional.

1.2. Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal e no Número de Estabelecimentos Industriais

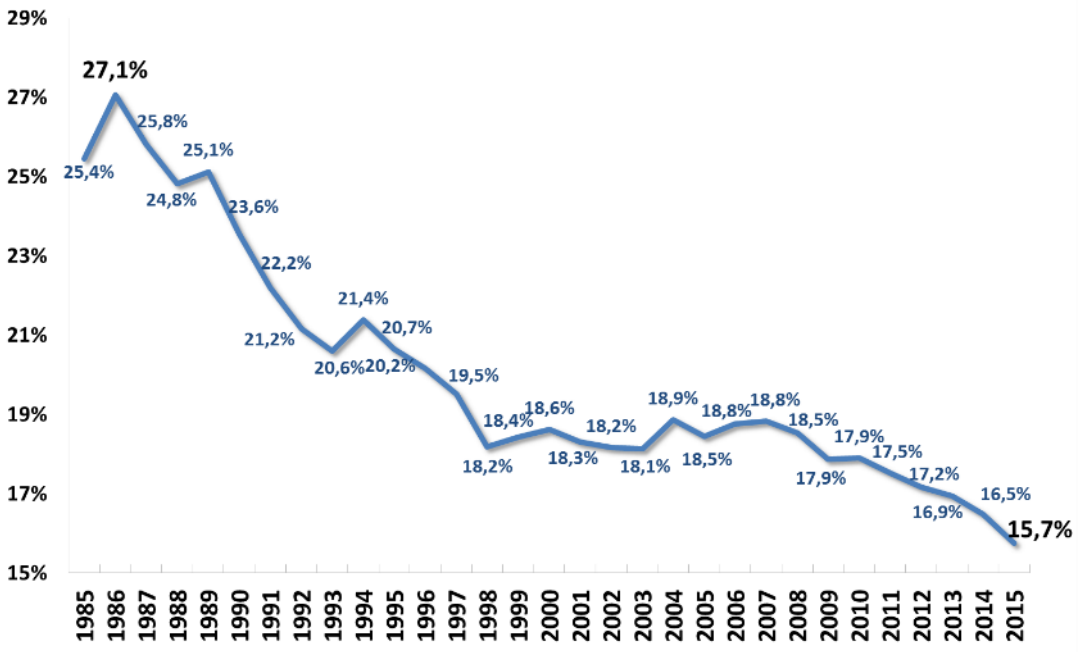
1.2.1. Evolução do Emprego Formal

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a perda de participação da indústria na economia também se refletiu nos

[3] Cano, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.21, número especial, p.831-851, dez. 2012.

empregos formais[4] gerados por ela. Durante o período de 1985 a 2015, o número de pessoas empregadas na indústria de transformação diminuiu sua participação em relação aos outros setores da economia, registrando, em 2015, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 27,1% dos empregos formais da economia brasileira em 1986, mas sofreu uma queda acentuada de 11,4 pontos percentuais, atingindo uma participação de 15,7% em 2015.

Gráfico 2: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Brasileiro (1985 a 2015)



Fonte: RAIS - MTE

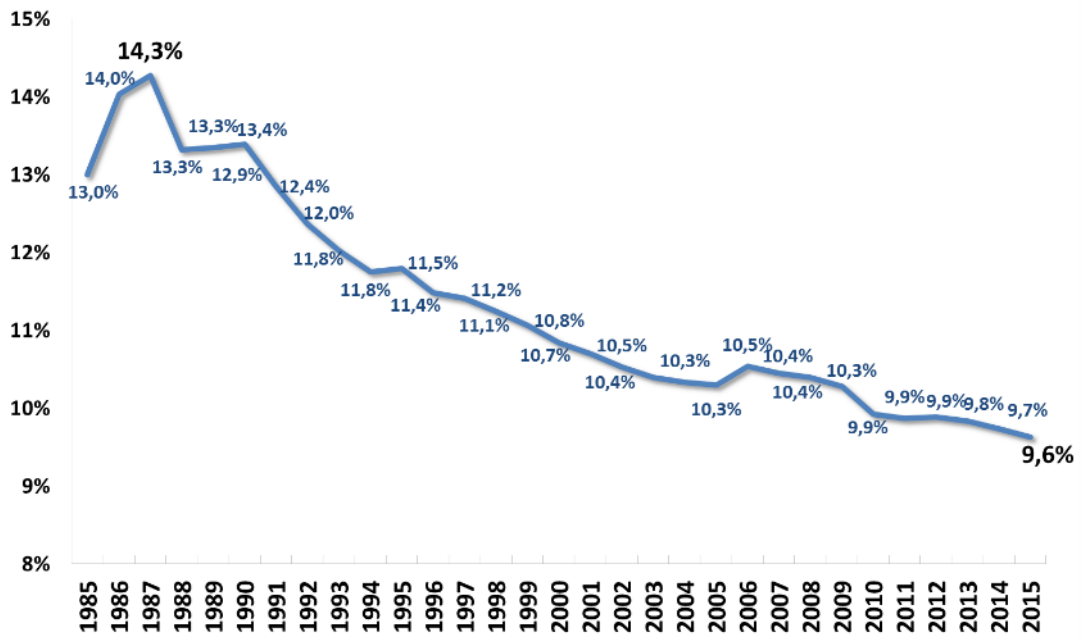
Estes dados representam apenas os trabalhadores formais, mas a indústria de transformação apresenta a maior taxa de formalidade entre os setores da economia, 88% contra 70% da média dos demais setores da economia, segundo dados da PNAD Contínua do IBGE, como veremos mais a diante.

[4] Empregos formais são os vínculos empregatícios ativos em 31 de dezembro do ano de referência, incluindo tanto celetistas quanto estatutários.

1.2.2. Evolução do Número de Estabelecimentos

Da mesma forma, durante o período de 1985 a 2015, a indústria de transformação também sofreu grande perda de participação em relação ao número de estabelecimentos[5] para os outros setores da economia, registrando, em 2015, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 14,3% dos estabelecimentos brasileiros em 1987, mas passou a deter apenas 9,6% em 2015, segundo dados da RAIS-MTE.

Gráfico 3: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Brasileiros (1985 a 2015)



Fonte: RAIS - MTE

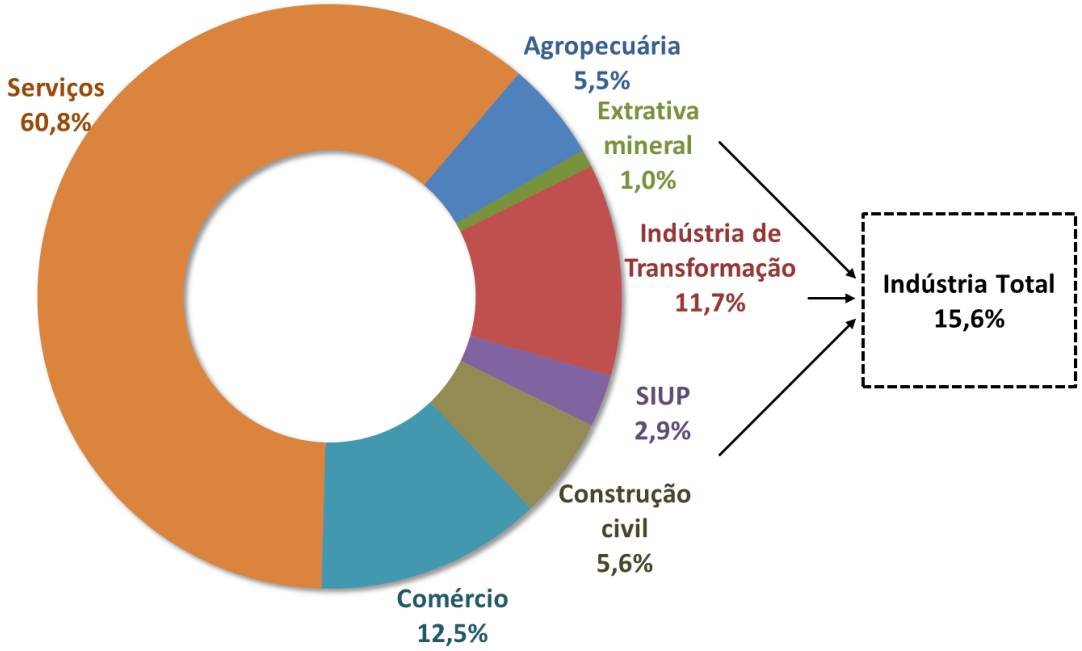
[5] Os estabelecimentos incluem todos os CNPJ's, com ou sem empregados, com declaração de RAIS ativa. Os CNPJ's que não tiveram empregados durante o ano ou que tiveram suas atividades paralisadas durante o ano não estão inclusos.

2. A INDÚSTRIA BRASILEIRA ATUALMENTE

2.1. Principais Setores da Indústria no PIB

Segundo dados das Contas Nacionais do IBGE, em 2016, a indústria de transformação foi responsável por 11,7% do PIB. Neste mesmo ano, o setor de serviços representou 60,8% do PIB, o comércio 12,5%, a agropecuária 5,5% e a construção civil 5,6%. A indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP, formado pelos fornecimentos de água, eletricidade, etc.), representava 15,6% do PIB.

Gráfico 4: PIB por Setores da Economia Brasileira em 2016



Fonte: Contas Nacionais / IBGE (2016)

Buscando analisar a produção da indústria de transformação em valores monetários, a variável escolhida foi o valor adicionado (VA). Esta variável é resultado do valor bruto da produção menos o custo intermediário.

2.1.1. Participação Setorial no PIB

Através dos dados mais recentes divulgados na Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE para 2015 e dos dados das Contas Nacionais para este mesmo ano, a Tabela 1 mostra a distribuição do valor adicionado entre os setores industriais e sua participação no PIB. Para o cálculo do valor adicionado por setor, utilizamos o valor adicionado do total da indústria de transformação segundo as Contas Nacionais e a distribuição do valor adicionado entre os setores industriais da PIA.

O valor adicionado da indústria de transformação em 2015 era de R$ 606,3 bilhões. Os setores com maior participação neste valor, e consequentemente no PIB, em 2015 são: produtos alimentícios (18,6% do valor adicionado da Indústria de Transformação); produtos químicos (9,3%); coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (8,1%); veículos automotores (6,2%) e metalurgia (6,2%).

Tabela 1: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2015

Setores	Valor Adicionado (R$ milhões)*	Participação % do VA do setor na Indústria de Transformação	Participação % do VA no PIB
Produtos alimentícios	112.805	18,6%	2,2%
Produtos químicos	56.536	9,3%	1,1%
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	49.275	8,1%	1,0%
Veículos automotores, carrocerias e autopeças	37.816	6,2%	0,7%
Metalurgia	37.433	6,2%	0,7%
Máquinas e equipamentos	34.141	5,6%	0,7%
Produtos de minerais não-metálicos	26.826	4,4%	0,5%
Produtos de metal, exc. máquinas e equipamentos	26.690	4,4%	0,5%
Produtos de borracha e de material plástico	25.064	4,1%	0,5%
Celulose, papel e produtos de papel	24.468	4,0%	0,5%
Bebidas	24.059	4,0%	0,5%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	18.001	3,0%	0,3%
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	16.660	2,7%	0,3%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	15.995	2,6%	0,3%
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	15.541	2,6%	0,3%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	12.928	2,1%	0,3%
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	11.604	1,9%	0,2%
Produtos têxteis	11.246	1,9%	0,2%
Outros equipamentos de transporte, exc. veículos automotores	11.011	1,8%	0,2%
Produtos diversos	9.646	1,6%	0,2%
Móveis	9.233	1,5%	0,2%
Produtos de madeira	8.385	1,4%	0,2%
Impressão e reprodução de gravações	6.287	1,0%	0,1%
Produtos do fumo	4.646	0,8%	0,1%
Total da Indústria de Transformação	**606.296**	**100,0%**	**11,8%**

Fonte: PIA e Contas Nacionais - IBGE (2015, último dado disponível para a PIA)

* Valor Adicionado Total da Indústria de Transformação segundo dados das Contas Nacionais e distribuição do Valor Adicionado entre os setores segundo a PIA. Valores da PIA para as empresas industriais com 5 ou mais pessoas ocupadas.

2.1.2. Distribuição do Valor Adicionado da Indústria por Estados Brasileiros

Segundo dados das Contas Regionais do Brasil fornecidos pelo IBGE, em 2014, o Estado com maior valor adicionado da indústria de transformação foi São Paulo, com R$ 230,7 bilhões. Este valor corresponde a 38,6% do valor adicionado da indústria de transformação brasileira.

Os outros Estados que se destacaram com maior valor adicionado da indústria de transformação (Tabela 2) foram os seguintes: Minas Gerais com R$ 59,8 bilhões, correspondente a 10,0% do valor

adicionado da indústria de transformação nacional; Rio Grande do Sul com R$ 52,2 bilhões, correspondente a 8,7% do valor adicionado da indústria de transformação nacional; e Paraná com R$ 47,6 bilhões, correspondente a 8,0% do valor adicionado da indústria de transformação no Brasil.

Já dentro do próprio Estado, ou seja, em relação ao PIB estadual, os Estados com maior participação da indústria de transformação foram: Amazonas (23,0% de seu PIB); Santa Catarina (22,2% de seu PIB); Rio Grande do Sul (16,8% de seu PIB); Paraná (15,8% de seu PIB) e São Paulo (14,9% de seu PIB).

Tabela 2: Valor Adicionado da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2014

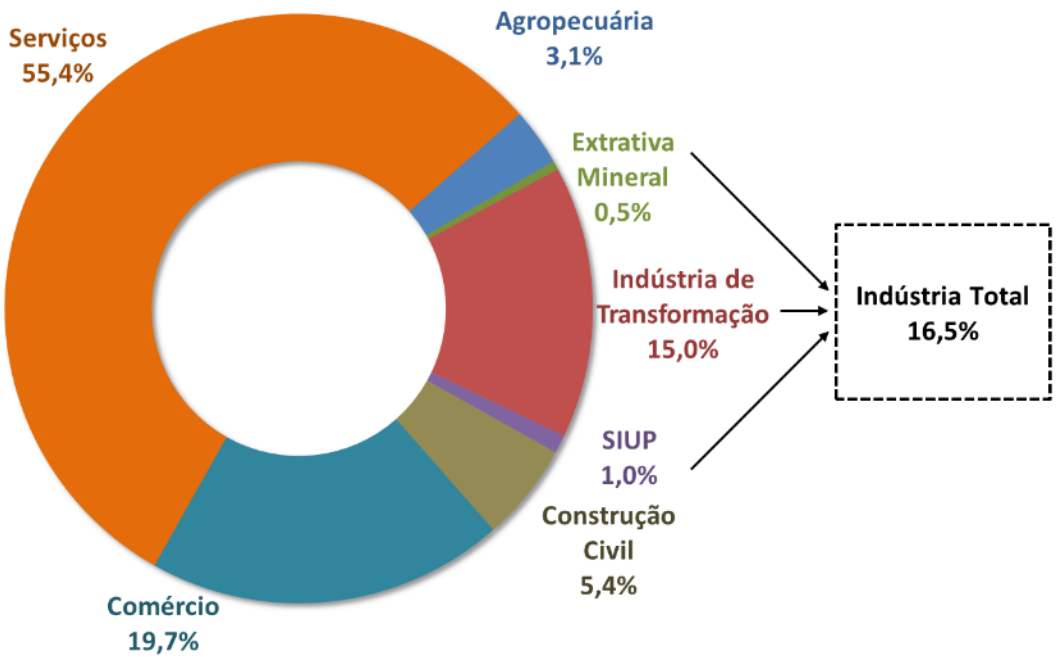
Estado	Valor Adicionado da Indústria de Transformação (em R$ milhões)	%Participação do Estado no Valor adicionado do Brasil	%Participação da Indústria de Transformação no PIB
São Paulo	230.654	38,6%	14,9%
Minas Gerais	59.829	10,0%	13,2%
Rio Grande do Sul	52.213	8,7%	16,8%
Paraná	47.601	8,0%	15,8%
Santa Catarina	45.503	7,6%	22,2%
Rio de Janeiro	36.559	6,1%	6,3%
Goiás	16.560	2,8%	11,3%
Amazonas	16.537	2,8%	23,0%
Bahia	15.964	2,7%	8,1%
Pernambuco	12.330	2,1%	9,2%
Ceará	10.201	1,7%	9,2%
Espírito Santo	9.842	1,6%	9,0%
Mato Grosso	7.724	1,3%	8,5%
Mato Grosso do Sul	6.960	1,2%	9,9%
Pará	6.122	1,0%	5,4%
Maranhão	3.789	0,6%	5,5%
Paraíba	3.588	0,6%	7,6%
Distrito Federal	3.079	0,5%	1,8%
Alagoas	2.505	0,4%	6,7%
Sergipe	2.280	0,4%	6,8%
Rio Grande do Norte	2.121	0,4%	4,4%
Rondônia	1.735	0,3%	5,7%
Piauí	1.642	0,3%	4,8%
Tocantins	1.128	0,2%	4,8%
Amapá	419	0,1%	3,4%
Acre	358	0,1%	2,9%
Roraima	134	0,0%	1,5%
Brasil	**597.377**	**100,0%**	**12,0%**

Fonte: Contas Regionais do Brasil - IBGE (2014)

2.2. Empregos Formais

De acordo com a RAIS-MTE, em 2015, a indústria de transformação brasileira era responsável por 7,2 milhões de empregos formais, o que equivale a 15,0%[6] do emprego formal em comparação com todos os setores da economia. Já a indústria total, constituída por indústria de transformação, indústria extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública (SIUP), era responsável por 16,5% do emprego formal.

Gráfico 5: Empregados Formais por Setores da Economia Brasileira em 2015



Fonte: RAIS – MTE

Estas são as participações dos setores apenas no emprego formal. No entanto, cada setor possui uma taxa de formalidade, ou seja, apresenta uma determinada proporção de trabalhadores formais em relação ao total de pessoas ocupadas, como veremos a seguir.

[6] Na análise da evolução do emprego formal na indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2015), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

Os dados de formalidade do emprego são calculados a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo IBGE. Utilizamos os dados de 2015, mesmo período do último ano da série de emprego formal da RAIS do MTE.

Para o cálculo da taxa de formalidade, foram considerados empregos formais os relativos aos empregados dos setores privado e público e trabalhadores domésticos com carteira assinada, enquanto os empregos informais incorporam os empregados dos setores privado e público e trabalhadores domésticos sem carteira assinada.

Assim, temos que, em 2015, a Indústria de Transformação apresentava a maior taxa de formalidade de emprego em comparação a todos os setores. Enquanto, na média dos setores, a taxa de formalidade era de 70%, na Indústria de Transformação era de 88%.

Tabela 3: Taxa de Formalidade por Setores da Economia Brasileira em 2015

Setores	Taxa de formalidade*
Agropecuária	46%
Indústria extrativa e SIUP	85%
Indústria de Transformação	**88%**
Construção	62%
Comércio	79%
Serviços	65%
Total	**70%**

Fonte: PNAD Contínua / IBGE (2015)

* Calculada pela divisão do número de empregos formais (empregados dos setores privado e público e trabalhadores domésticos com carteira assinada) dividido pelo total de empregados dos setores privado e público e trabalhadores domésticos com ou sem carteira assinada.

Isso significa que a queda de participação da indústria de transformação no emprego implica na redução da participação do setor que oferece uma maior proporção de empregos com direitos trabalhistas assegurados, nos quais os empregados podem usufruir de direitos como FGTS, seguro desemprego e licença maternidade.

2.2.1. Distribuição Setorial do Emprego Formal

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, entre os setores da indústria de transformação, aquele que mais empregava era o de alimentos (21,3% dos empregados formais na indústria de transformação), seguido pelo de confecções de artigos do vestuário e acessórios (8,6%) e, em terceiro lugar, o setor de produtos de metal (6,3%), de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Brasileira em 2015

Setores da Indústria de Transformação	Empregados formais	Participação
Produtos Alimentícios	1.529.478	21,3%
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	614.614	8,6%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	450.799	6,3%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	427.447	5,9%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	426.107	5,9%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	412.431	5,7%
Máquinas e Equipamentos	361.416	5,0%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	341.489	4,8%
Produtos Químicos	269.618	3,8%
Produtos Têxteis	260.478	3,6%
Móveis	256.067	3,6%
Metalurgia	213.790	3,0%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	198.288	2,8%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	177.323	2,5%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equiptos.	176.465	2,5%
Produtos de Madeira	176.219	2,5%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	151.262	2,1%
Produtos Diversos	147.592	2,1%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	136.234	1,9%
Bebidas	129.833	1,8%
Impressão e Reprodução de Gravações	113.243	1,6%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	103.187	1,4%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	98.269	1,4%
Produtos do Fumo	13.863	0,2%
Total da Indústria de Transformação	**7.185.512**	**100,0%**

Fonte: RAIS - MTE

2.2.2. Distribuição do Emprego Formal nos Estados Brasileiros

Ainda a partir dos dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, o Estado de São Paulo tinha a maior parcela de empregados formais na indústria de transformação brasileira (33,0%). Em seguida, Minas Gerais (10,3%), Rio Grande do Sul (9,1%), Paraná (8,8%) e Santa Catarina (8,8%), observando a Tabela 5. Analisaremos, a seguir, quais são os principais setores dos Estados com a maior participação no emprego formal da indústria de transformação em 2015.

Em São Paulo, os setores que se destacaram em 2015 em relação à população ocupada na indústria de transformação do Estado foram: alimentos, com 15,9% do emprego formal na indústria de transformação do Estado; veículos automotores, carroceria e autopeças, com 9,7%; produtos de borracha e material plástico e produtos de metal, com 7,6% cada. Em Minas Gerais, o setor que mais empregava era o de alimentos (22,3%), seguido por confecções de artigos do vestuário e acessórios (9,3%) e metalurgia (7,8%). Já no Rio Grande do Sul, o setor que mais empregava era o de alimentos (19,2%), seguido pelo de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (16,7%) e, em terceiro lugar, pelo de máquinas e equipamentos e produtos de metal (8,8% cada). No Paraná, o setor que mais empregava era o de alimentos (29,5%), seguido pelo de confecções de artigos do vestuário e acessórios (9,3%) e pelo de móveis (5,9%). Em Santa Catarina, o setor que mais empregava era o de alimentos (17,1%), seguido pelo de confecção de artigos do vestuário e acessórios (17,0%) e, em terceiro lugar, pelo de produtos têxteis (8,6%)

Ao olharmos para a distribuição dos setores entre os Estados, podemos destacar o setor de alimentos, aparece entre os três principais setores em quantidade de empregados formais em todos os Estados, exceto no Amazonas. Assim, além de ser um setor de bastante peso no emprego industrial (21,3% do emprego industrial brasileiro), ele também é bastante desconcentrado regionalmente.

Tabela 5: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015

Estados	Empregados formais	Participação
São Paulo	2.371.621	33,0%
Minas Gerais	741.004	10,3%
Rio Grande do Sul	653.835	9,1%
Paraná	634.849	8,8%
Santa Catarina	630.403	8,8%
Rio de Janeiro	369.846	5,1%
Ceará	239.174	3,3%
Goiás	230.963	3,2%
Pernambuco	208.947	2,9%
Bahia	208.086	2,9%
Espírito Santo	113.806	1,6%
Amazonas	101.752	1,4%
Mato Grosso	94.511	1,3%
Mato Grosso do Sul	88.506	1,2%
Pará	81.415	1,1%
Alagoas	77.479	1,1%
Paraíba	75.352	1,0%
Rio Grande do Norte	59.913	0,8%
Sergipe	45.725	0,6%
Maranhão	37.842	0,5%
Rondônia	35.262	0,5%
Piauí	27.946	0,4%
Distrito Federal	27.699	0,4%
Tocantins	17.834	0,2%
Acre	6.216	0,1%
Amapá	2.881	0,0%
Roraima	2.645	0,0%
BRASIL	**7.185.512**	**100%**

Fonte: RAIS - MTE

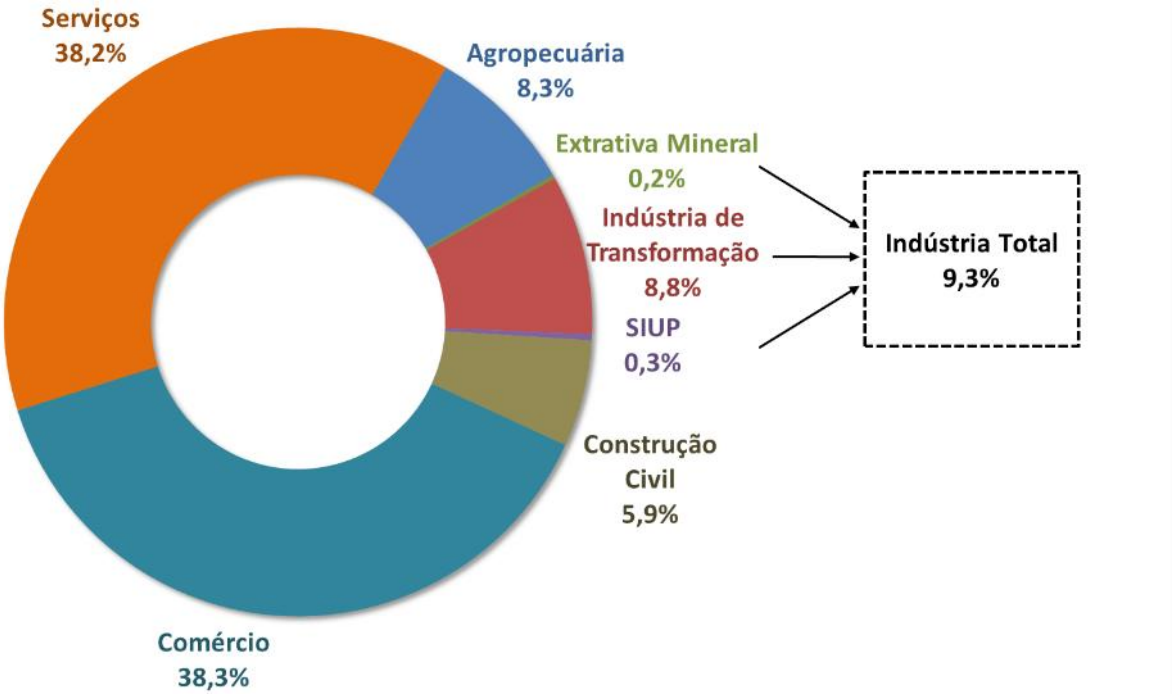
2.3. Estabelecimentos Industriais

Segundo dados da RAIS-MTE, em 2015, a indústria de transformação detinha 348.623 estabelecimentos no Brasil, o que representava 8,8%[7] dos estabelecimentos de todos os setores de atividade

[7] Na análise da evolução dos estabelecimentos da indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais

da economia, enquanto a indústria total, constituída por indústria de transformação, indústria extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública, registrava 9,3% dos estabelecimentos.

Gráfico 6: Estabelecimentos por Setor da Economia Brasileira em 2015



Fonte: RAIS – MTE

2.3.1. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais

A análise dos dados da RAIS-MTE contidos na Tabela 6 nos possibilita afirmar que, em 2015, entre os setores da indústria de transformação, aquele que mais tinha estabelecimentos era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (16,0%), seguido pelo alimentício (13,3%) e, em terceiro lugar, pelo setor de produtos de metal (11,8%).

longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2015), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

Tabela 6: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Setores no Brasil em 2015

Setores da Indústria de Transformação	Número de estabelecimentos	Participação
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	55.825	16,0%
Produtos Alimentícios	46.481	13,3%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	41.252	11,8%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	28.658	8,2%
Móveis	22.482	6,4%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equiptos.	21.230	6,1%
Produtos de Madeira	15.110	4,3%
Máquinas e Equipamentos	14.529	4,2%
Impressão e Reprodução de Gravações	14.287	4,1%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	14.151	4,1%
Produtos Diversos	13.574	3,9%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	12.552	3,6%
Produtos Têxteis	10.964	3,1%
Produtos Químicos	9.091	2,6%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	6.432	1,8%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	4.635	1,3%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	4.432	1,3%
Metalurgia	4.036	1,2%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	3.518	1,0%
Bebidas	2.455	0,7%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	1.264	0,4%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	835	0,2%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	598	0,2%
Produtos do Fumo	232	0,1%
Total da Indústria de Transformação	**348.623**	**100,0%**

Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho e Emprego

2.3.2. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais entre os Estados da Federação

Segundo os dados apresentados na Tabela 7, em 2015, São Paulo era o Estado com maior participação no número de estabelecimentos da indústria de transformação, com 26,5%. Neste mesmo ano, outros Estados que se destacaram foram Minas Gerais (12,5%), Rio Grande do Sul (10,5%) e Santa Catarina (9,8%).

Com relação aos setores com maior participação nos estabelecimentos industriais dos Estados em destaque, percebe-se que, em São Paulo, o setor que mantinha mais estabelecimentos em 2015 era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (15,5%), seguido pelo de produtos de metal (13,0%) e de alimentos (8,4%).

Em Minas Gerais, o setor que mais tinha estabelecimentos industriais era o de alimentos (16,6%), seguido pelo de confecções de artigos do vestuário e acessórios (16,5%) e pelo de produtos de metal (12,2%).

Já no Rio Grande do Sul, o setor que possuía o maior número de estabelecimentos era o de produtos de metal (14,7%), seguido pelo de alimentos (12,2%) e pelo de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (10,9%).

Em Santa Catarina, o setor que mais tinha estabelecimentos era o de confecção de artigos do vestuário e acessórios (23,4%), seguido pelo de produtos de metal (10,9%) e pelo de alimentos (10,3%).

Entre os quatros principais Estados em número de estabelecimentos industriais (SP, MG, RS e SC), apenas um deles, o Rio Grande do Sul, não tem como seus três principais setores os mesmos três principais setores do Brasil como um todo (confecção de artigos do vestuário, alimentos e produtos de metal). Neste Estado, ao invés do setor de confecção de artigos do vestuário, destaca-se, entre os três principais, o setor de artefatos de couro e calçados, devido à existência de um importante polo calçadista no Estado.

Tabela 7: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015

Estados	Número de estabelecimentos	Participação
São Paulo	92.226	26,5%
Minas Gerais	43.682	12,5%
Rio Grande do Sul	36.610	10,5%
Santa Catarina	34.147	9,8%
Paraná	32.920	9,4%
Rio de Janeiro	16.914	4,9%
Goiás	13.764	3,9%
Bahia	11.317	3,2%
Ceará	10.605	3,0%
Pernambuco	10.443	3,0%
Espírito Santo	7.328	2,1%
Mato Grosso	6.022	1,7%
Pará	4.259	1,2%
Mato Grosso do Sul	3.661	1,1%
Rio Grande do Norte	3.589	1,0%
Paraíba	3.514	1,0%
Distrito Federal	2.630	0,8%
Rondônia	2.422	0,7%
Piauí	2.336	0,7%
Maranhão	2.333	0,7%
Sergipe	1.996	0,6%
Alagoas	1.764	0,5%
Amazonas	1.739	0,5%
Tocantins	1.269	0,4%
Acre	545	0,2%
Amapá	326	0,1%
Roraima	262	0,1%
BRASIL	**348.623**	**100%**

Fonte: RAIS - MTE

2.4. Distribuição da Indústria de Transformação por Porte

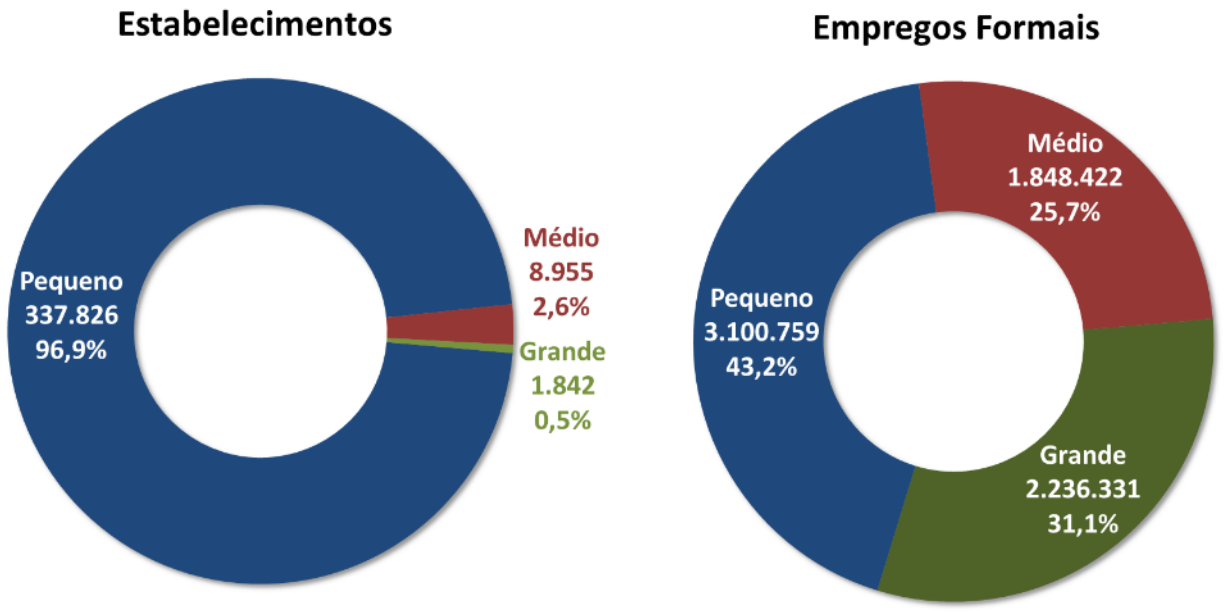
Segundo os dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, os estabelecimentos da indústria de transformação tinham, em média, 20,6 empregados formais.

Os estabelecimentos de pequeno porte, com até 99 empregados formais, eram a maioria em 2016, com 96,9% dos estabelecimentos, o que correspondia a 337.826 estabelecimentos. Já os estabelecimentos

de porte médio, com 100 a 499 empregados formais, representavam 2,6% do total (8.955 estabelecimentos). Os estabelecimentos com mais de 500 empregados formais, de grande porte, representavam 0,5% do total (1.842 estabelecimentos).

Em 2015, os estabelecimentos de pequeno porte empregavam 43,2% dos empregados formais, o que totalizava 3,1 milhões de pessoas. Por sua vez, os estabelecimentos de porte médio absorviam 25,7% dos empregados formais (1,8 milhão de pessoas). E os estabelecimentos de grande porte empregavam mais que os de médio porte, 2,2 milhões de pessoas, que representam 31,1% do emprego formal.

Gráfico 7: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2015



Fonte: RAIS – MTE

Analisando por setores, o de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis é, de longe, o setor com maior concentração de estabelecimentos de grande porte. Neste setor, 16,4% dos estabelecimentos apresentavam 500 ou mais empregados formais em 2015. Por outro lado, o setor com o maior número de estabelecimentos de grande porte é o de alimentos, com um total de 572 estabelecimentos deste porte. Por sua vez, o setor farmacêutico detém a maior concentração de estabelecimentos de médio porte (com 100 a 499 empregados formais; 18,9%) e o setor de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis apresenta o maior porte médio, com uma média de 252,9 empregados formais por estabelecimento.

Os setores com maior concentração de estabelecimentos de pequeno porte são os de impressão e reprodução de gravações (99,2%) e o de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos

(99,1%), que, consequentemente, apresentam os menores portes médios: 7,9 e 8,3 empregados formais por estabelecimento, respectivamente.

Tabela 8: Quantidade de Estabelecimentos por Porte para Setores da Indústria de Transformação no Brasil em 2015

Setores	Empregados por estabele-cimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Coque, Petróleo e Biocombustíveis	252,9	401 (67,1%)	99 (16,6%)	98 (16,4%)
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	123,6	632 (75,7%)	158 (18,9%)	45 (5,4%)
Outros Equipamentos de Transporte	77,7	1.150 (91,0%)	81 (6,4%)	33 (2,6%)
Veículos, Carrocerias e Autopeças	66,2	5.770 (89,7%)	500 (7,8%)	162 (2,5%)
Produtos do Fumo	59,8	203 (87,5%)	22 (9,5%)	7 (3,0%)
Metalurgia	53,0	3.743 (92,7%)	226 (5,6%)	67 (1,7%)
Bebidas	52,9	2.209 (90,0%)	180 (7,3%)	66 (2,7%)
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	42,8	4.270 (92,1%)	306 (6,6%)	59 (1,3%)
Celulose, Papel e Produtos de Papel	40,0	4.074 (91,9%)	292 (6,6%)	66 (1,5%)
Informática, Eletrônicos e Ópticos	38,7	3.279 (93,2%)	201 (5,7%)	38 (1,1%)
Produtos Alimentícios	32,9	44.326 (95,4%)	1.583 (3,4%)	572 (1,2%)
Produtos Químicos	29,7	8.527 (93,8%)	499 (5,5%)	65 (0,7%)
Produtos de Borracha e de Material Plástico	29,1	13.343 (94,3%)	732 (5,2%)	76 (0,5%)
Artefs. Couro, Artigos para Viagem e Calçados	27,2	12.024 (95,8%)	432 (3,4%)	96 (0,8%)
Máquinas e Equipamentos	24,9	13.864 (95,4%)	592 (4,1%)	73 (0,5%)
Produtos Têxteis	23,8	10.466 (95,5%)	426 (3,9%)	72 (0,7%)
Produtos de Minerais Não-Metálicos	14,9	28.160 (98,3%)	447 (1,6%)	51 (0,2%)
Produtos de Madeira	11,7	14.924 (98,8%)	167 (1,1%)	19 (0,1%)
Móveis	11,4	22.068 (98,2%)	388 (1,7%)	26 (0,1%)
Artigos do Vestuário e Acessórios	11,0	55.146 (98,8%)	622 (1,1%)	57 (0,1%)
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equiptos.	10,9	40.654 (98,6%)	554 (1,3%)	44 (0,1%)
Produtos Diversos	10,9	13.373 (98,5%)	184 (1,4%)	17 (0,1%)
Manutenção, Reparação e Instalação	8,3	21.045 (99,1%)	166 (0,8%)	19 (0,1%)
Impressão e Reprodução de Gravações	7,9	14.175 (99,2%)	98 (0,7%)	14 (0,1%)
Total da Indústria de Transformação	**20,6**	**337.826 (96,9%)**	**8.955 (2,6%)**	**1.842 (0,5%)**

Fonte: RAIS - MTE

2.5. Distribuição Espacial dos Grandes Estabelecimentos Industriais no Brasil

Em 2015, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte, com 500 ou mais empregados formais,

estava concentrada no Estado de São Paulo, que detinha 34,6% dos estabelecimentos deste porte no país (638 estabelecimentos). Em segundo lugar, estava Minas Gerais, com 10,1% (186 estabelecimentos) e, em terceiro lugar, o Rio Grande do Sul, com 9,2% (170 estabelecimentos). Por outro lado, os Estados do Acre, Roraima e Amapá não apresentavam estabelecimentos de grande porte da indústria de transformação.

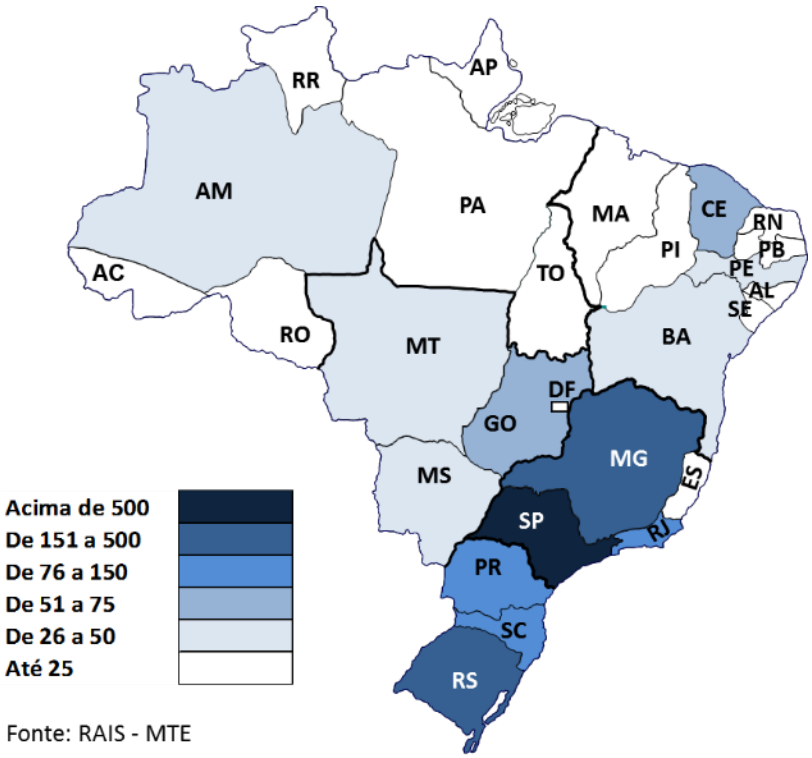
Tabela 9: Concentração dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) da Indústria de Transformação por Estados Brasileiros em 2015

Estados	Estabelecimentos da Ind. de Transformação de grande porte	% Participação dos Estados no Brasil
São Paulo	638	34,6%
Minas Gerais	186	10,1%
Rio Grande do Sul	170	9,2%
Paraná	147	8,0%
Santa Catarina	143	7,8%
Rio de Janeiro	85	4,6%
Goiás	73	4,0%
Ceará	57	3,1%
Pernambuco	50	2,7%
Bahia	49	2,7%
Amazonas	42	2,3%
Mato Grosso do Sul	35	1,9%
Mato Grosso	30	1,6%
Alagoas	24	1,3%
Paraíba	20	1,1%
Pará	19	1,0%
Espírito Santo	19	1,0%
Sergipe	12	0,7%
Maranhão	11	0,6%
Rio Grande do Norte	10	0,5%
Rondônia	6	0,3%
Piauí	6	0,3%
Tocantins	5	0,3%
Distrito Federal	5	0,3%
BRASIL	**1.842**	**100,0%**

Fonte: RAIS - MTE

O mapa abaixo ilustra a distribuição dos estabelecimentos industriais com mais de 500 empregados formais no Brasil. A maior concentração de estabelecimentos de grande porte está nos Estados das regiões Sudeste e Sul.

Figura 1: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) pelos Estados Brasileiros em 2015



A seguir, ainda segundo os dados da RAIS-MTE, verificamos a distribuição dos estabelecimentos da Indústria de Transformação de grande porte para os setores com maior número estabelecimentos com 500 ou mais empregados formais.

No setor de alimentos, a maior concentração de estabelecimentos de grande porte está no Estado de São Paulo (179 estabelecimentos, representando 31,3% dos estabelecimentos deste porte no setor). Em seguida, encontram-se Paraná, com 67 estabelecimentos (11,7%), e Minas Gerais, com 54 estabelecimentos (9,4%).

No setor de veículos automotores, carrocerias e autopeças, o Estado de São Paulo concentra 55,6% dos estabelecimentos de grande porte (90 estabelecimentos), Minas Gerais detém 14,8% (24

estabelecimentos) e o Rio Grande do Sul, 9,3% (15 estabelecimentos). No total, estes três Estados são responsáveis por 79,6% dos estabelecimentos de grande porte do setor (129 estabelecimentos).

O setor de coque, petróleo e biocombustíveis concentra 32,7% de seus estabelecimentos de grande porte no Estado de São Paulo (32 estabelecimentos), 14,3% em Goiás (14 estabelecimentos), e 10,2% em Minas Gerais (10 estabelecimentos).

O setor de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados concentra 34,4% de seus estabelecimentos de grande porte no Rio Grande do Sul (33 estabelecimentos), 17,7% no Ceará (17 estabelecimentos) e 14,6% na Bahia (14 estabelecimentos).

Já o setor de produtos de borracha e plástico concentra 38,2% dos estabelecimentos com 500 ou mais empregados formais em São Paulo (29 estabelecimentos), 11,8% em Santa Catarina (9 estabelecimentos) e 10,5% em Minas Gerais (8 estabelecimentos).

No setor de máquinas e equipamentos, a maior concentração de estabelecimentos de grande porte está no Estado de São Paulo (37 estabelecimentos, representando 50,7% dos estabelecimentos deste porte no setor). Em seguida, encontram-se o Rio Grande do Sul, com 13 estabelecimentos (17,8%), e Paraná e Santa Catarina com 7 estabelecimentos (9,6%) cada.

O Estado de São Paulo fica em primeiro lugar em cinco dos seis principais setores em relação aos estabelecimentos de grande porte, conforme Tabela 10. A exceção é o setor de artefatos de couro e calçados, com destaque para o polo calçadista no Rio Grande do Sul.

Tabela 10: Estados Brasileiros que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores com Maior Número de Estabelecimentos deste Porte em 2015

Setores	1º lugar	2º lugar	3º lugar
Produtos Alimentícios	SP 179 estab. (31,3%)	PR 67 estab. (11,7%)	MG 54 estab. (9,4%)
Veículos Automotores	SP 90 estab. (55,6%)	MG 24 estab. (14,8%)	RS 15 estab. (9,3%)
Coque, Petróleo e Biocombustíveis	SP 32 estab. (32,7%)	GO 14 estab. (14,3%)	MG 10 estab. (10,2%)
Artef. Couro e Calçados	RS 33 estab. (34,4%)	CE 17 estab. (17,7%)	BA 14 estab. (14,6%)
Produtos de Borracha e Plástico	SP 29 estab. (38,2%)	SC 9 estab. (11,8%)	MG 8 estab. (10,5%)
Máquinas e Equipamentos	SP 37 estab. (50,7%)	RS 13 estab. (17,8%)	PR 7 estab. (9,6%) SC 7 estab. (9,6%)

Fonte: RAIS – MTE

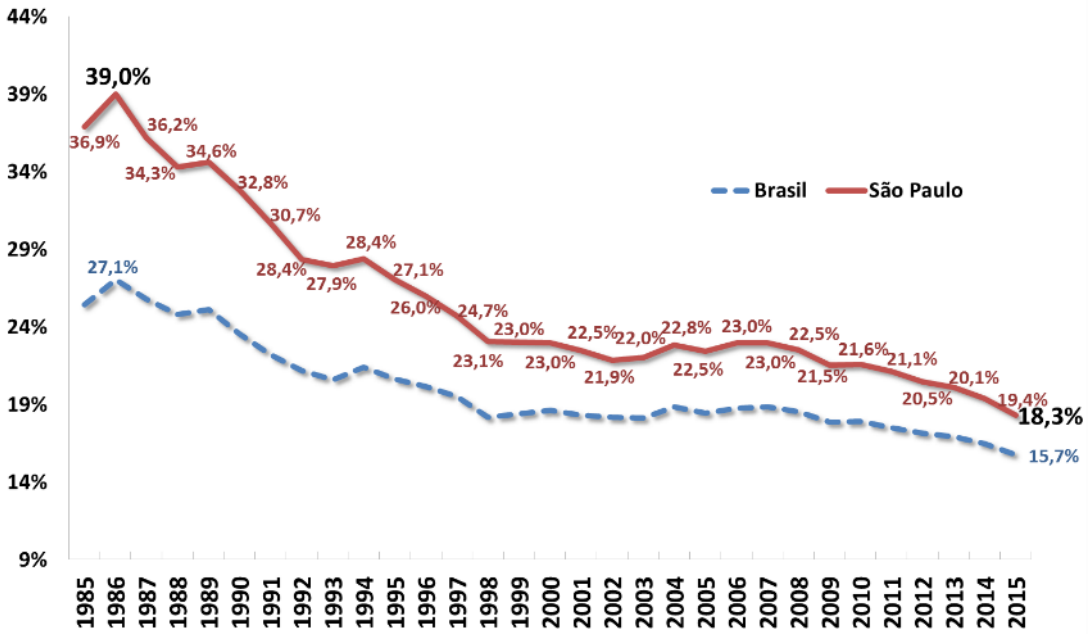
3. A INDÚSTRIA PAULISTA

3.1. Evolução da Participação do Emprego Formal na Indústria de Transformação e do Número de Estabelecimentos Industriais no Estado de São Paulo

3.1.1. Evolução do Emprego Formal na Indústria Paulista

Segundo informações da RAIS-MTE, durante o período de 1985 a 2015, assim como verificado no Brasil, o número de pessoas empregadas na indústria de transformação paulista diminuiu sua participação em relação aos outros setores da economia, registrando, em 2015, a menor participação da série analisada. A indústria de transformação, que em São Paulo chegou a deter 39,0% dos empregos formais da economia paulista em 1986, sofreu uma queda brusca de 20,7 pontos percentuais, chegando a uma participação de 18,3% em 2015.

Gráfico 8: Evolução da Participação da Indústria de Transformação no Emprego Formal Paulista (1985 a 2015)



Fonte: RAIS – MTE

3.1.2. Interiorização do Emprego Industrial Paulista

A perda de participação da indústria de transformação no total de empregos em São Paulo, no entanto, não foi igualmente distribuída em todo o Estado. Para esta análise, utilizamos dados de emprego formal da RAIS-MTE para os anos de 1985 e 2015. Para permitir a formação desta série mais longa, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada para esta análise é a classificação de setor IBGE. Esta classificação é diferente da utilizada ao longo deste trabalho para a distribuição setorial pontual (ano de 2015), para a qual utilizamos a classificação por CNAE 2.0. Enquanto a classificação por setor IBGE permite uma série mais longa, a classificação por CNAE 2.0 permite uma abertura maior de setores.

Embora nenhuma Região Administrativa tenha apresentado aumento da participação da indústria de transformação no total de empregos entre 1985 e 2015, cinco regiões tiveram queda da participação da indústria de transformação maior que a média: São José dos Campos (-25,1 p.p.); São Paulo (-23,2 p.p.); Registro (-22,7 p.p.); Franca (-21,8 p.p.) e Campinas (-19,0 p.p.). Por outro lado, Presidente Prudente (-0,1 p.p.), São José do Rio Preto (-2,8 p.p.), Araçatuba (-3,2 p.p.) e Barretos (-6,0 p.p.) tiveram uma redução muito menor da participação da indústria de transformação no total de emprego da região. Na Região Administrativa de Franca, a indústria de transformação perdeu participação, mas a região permaneceu como a de maior participação do emprego industrial no emprego total.

Tabela 11: Participação do Emprego da Indústria de Transformação no Total de Empregos Formais das Regiões Administrativas de São Paulo entre 1985 e 2015

Regiões Administrativas	1985			2015			Participa-ção de 2015-1985 (em p.p.)
	Emprego Total	Emprego na IT	Partici-pação IT no Total	Emprego Total	Emprego na IT	Partici-pação IT no Total	
Araçatuba	71.002	22.910	32,3%	188.012	54.564	29,0%	-3,2
Barretos	55.034	15.682	28,5%	124.096	27.884	22,5%	-6,0
Bauru	140.880	42.071	29,9%	314.618	72.020	22,9%	-7,0
Campinas	776.397	366.060	47,1%	2.083.163	586.491	28,2%	-19,0
Central	136.485	54.190	39,7%	292.697	82.358	28,1%	-11,6
Franca	78.263	42.283	54,0%	178.614	57.540	32,2%	-21,8
Marília	95.946	26.508	27,6%	242.924	50.778	20,9%	-6,7
Presidente Prudente	75.972	15.035	19,8%	194.516	38.378	19,7%	-0,1
Registro	14.009	4.175	29,8%	45.795	3.258	7,1%	-22,7
Ribeirão Preto	165.427	45.772	27,7%	398.469	83.755	21,0%	-6,6
Santos	213.419	36.728	17,2%	400.653	22.232	5,5%	-11,7
São José do Rio Preto	117.218	30.675	26,2%	401.535	93.810	23,4%	-2,8
São José dos Campos	242.557	111.154	45,8%	588.460	121.800	20,7%	-25,1
São Paulo	4.233.686	1.554.263	36,7%	7.487.717	1.008.638	13,5%	-23,2
Sorocaba	286.056	124.963	43,7%	756.202	205.350	27,2%	-16,5
Total do Estado	**6.702.351**	**2.492.469**	**37,2%**	**13.697.471**	**2.508.856**	**18,3%**	**-18,9**

Fonte: RAIS-MTE

Ao mesmo tempo em que a indústria de transformação paulista perdia participação em relação aos demais setores da economia, ela também sofria um rearranjo espacial dentro do Estado. O principal movimento do emprego industrial no período foi um deslocamento da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) para o interior do Estado em todos os setores. Apesar disso, a RMSP ainda detinha 40,2% do emprego formal industrial em 2015. As regiões que mais ganharam participação no emprego industrial paulista foram Campinas, Sorocaba e São José do Rio Preto.

A Tabela 12 mostra a distribuição do emprego formal industrial entre as Regiões Administrativas e a distribuição do emprego de cada setor também entre as regiões para os dois anos extremos, 1985 e 2015, além da diferença (em pontos percentuais) da participação de cada região entre os dois anos. As células marcadas em azul indicam as regiões que mais ganharam participação no emprego deste setor, e as células marcadas em vermelho indicam as regiões que mais perderam participação no setor.

Tabela 12: Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1985 e 2015

Regiões Administrativas	Ano	Indústria de transformação	Minerais não metálicos	Metalurgia	Mecânica	Elétrico e Comunicação	Material de Transporte
Araçatuba	1985	0,9%	0,9%	0,3%	0,2%	0,2%	0,1%
	2015	2,2%	1,0%	0,6%	1,3%	0,5%	0,3%
	2015-1985	1,3	0,1	0,3	1,0	0,3	0,2
Barretos	1985	0,6%	0,1%	0,2%	0,2%	0,1%	0,0%
	2015	1,1%	0,3%	0,4%	0,4%	0,8%	0,0%
	2015-1985	0,5	0,2	0,3	0,3	0,6	0,0
Bauru	1985	1,7%	1,5%	0,4%	0,8%	0,5%	0,4%
	2015	2,9%	1,7%	1,4%	2,0%	2,2%	0,4%
	2015-1985	1,2	0,2	1,0	1,2	1,7	-0,1
Campinas	1985	14,7%	24,4%	11,0%	18,7%	11,0%	11,2%
	2015	23,4%	37,6%	20,5%	28,1%	25,6%	28,1%
	2015-1985	8,7	13,2	9,4	9,3	14,6	16,9
Central	1985	2,2%	3,6%	0,6%	7,1%	0,6%	0,5%
	2015	3,3%	4,6%	1,9%	6,1%	2,2%	1,5%
	2015-1985	1,1	1,0	1,2	-1,0	1,6	1,0
Franca	1985	1,7%	0,4%	0,6%	0,8%	0,2%	0,0%
	2015	2,3%	0,5%	1,7%	1,0%	0,9%	0,1%
	2015-1985	0,6	0,2	1,2	0,2	0,7	0,1
Marília	1985	1,1%	1,0%	0,2%	1,3%	0,2%	0,1%
	2015	2,0%	1,5%	1,4%	2,8%	1,7%	0,2%
	2015-1985	1,0	0,5	1,2	1,5	1,5	0,1
Presidente Prudente	1985	0,6%	0,9%	0,2%	0,3%	0,1%	0,1%
	2015	1,5%	2,1%	0,4%	0,4%	1,1%	0,2%
	2015-1985	0,9	1,2	0,2	0,1	1,0	0,1
Registro	1985	0,2%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	2015	0,1%	0,4%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
	2015-1985	0,0	-1,0	0,1	0,0	0,0	0,0
Ribeirão Preto	1985	1,8%	1,7%	0,4%	3,8%	0,1%	0,4%
	2015	3,3%	1,7%	2,8%	4,9%	1,1%	0,9%
	2015-1985	1,5	0,0	2,4	1,0	0,9	0,5
Santos	1985	1,5%	1,6%	4,5%	0,2%	0,1%	0,5%
	2015	0,9%	0,8%	2,8%	0,5%	0,1%	0,6%
	2015-1985	-0,6	-0,7	-1,7	0,3	0,1	0,2
São José do Rio Preto	1985	1,2%	0,9%	0,7%	0,4%	0,3%	0,3%
	2015	3,7%	2,5%	3,6%	2,3%	1,6%	1,7%
	2015-1985	2,5	1,6	2,9	1,8	1,3	1,4
São José dos Campos	1985	4,5%	3,0%	3,7%	2,3%	5,7%	12,6%
	2015	4,9%	5,7%	6,8%	4,1%	5,0%	15,1%
	2015-1985	0,4	2,6	3,0	1,8	-0,7	2,5
São Paulo	1985	62,4%	48,3%	71,6%	58,9%	76,7%	70,7%
	2015	40,2%	28,2%	46,7%	37,0%	46,2%	42,2%
	2015-1985	-22,2	-20,2	-24,9	-21,9	-30,5	-28,6
Sorocaba	1985	5,0%	10,4%	5,6%	5,0%	4,2%	3,2%
	2015	8,2%	11,5%	9,0%	9,3%	11,1%	8,8%
	2015-1985	3,2	1,1	3,4	4,2	6,9	5,6

Fonte: RAIS-MTE

Tabela 12: Participação dos Empregos Regionais nos Empregos Estaduais do Setor e Variação da Participação entre 1985 e 2015 (continuação)

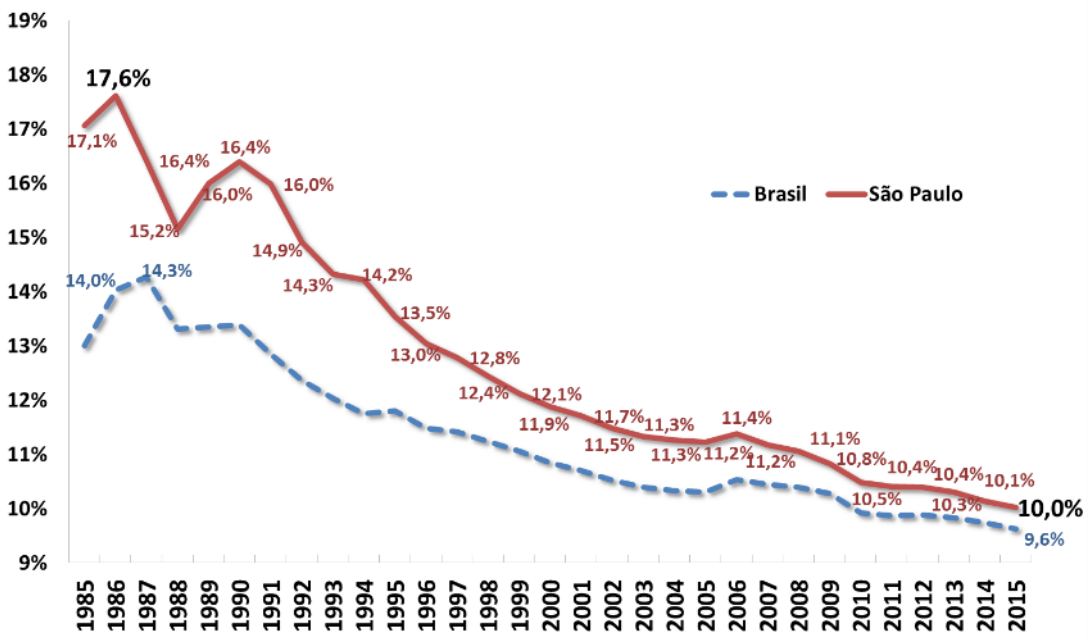
Região Administrativa	Ano	Madeira e Mobiliário	Papel e Gráfica	Borracha, Fumo, Couros	Química	Têxtil	Calçados	Alimentos e Bebidas
Araçatuba	1985	1,1%	0,7%	0,5%	0,8%	0,2%	11,3%	2,4%
	2015	2,5%	1,4%	1,9%	1,5%	1,2%	32,8%	3,6%
	2015-1985	1,3	0,7	1,4	0,7	1,0	21,5	1,2
Barretos	1985	0,4%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	5,1%
	2015	0,5%	0,2%	0,3%	0,9%	0,3%	0,0%	3,8%
	2015-1985	0,0	0,1	0,3	0,8	0,2	-0,2	-1,3
Bauru	1985	2,2%	1,5%	0,8%	0,4%	1,5%	7,8%	7,0%
	2015	5,0%	2,9%	2,6%	2,7%	1,6%	13,6%	5,2%
	2015-1985	2,8	1,3	1,8	2,4	0,1	5,8	-1,7
Campinas	1985	16,1%	13,1%	11,5%	10,9%	19,1%	14,5%	18,4%
	2015	21,1%	20,2%	17,8%	24,9%	23,7%	2,2%	19,8%
	2015-1985	5,0	7,1	6,3	14,0	4,6	-12,3	1,4
Central	1985	1,2%	0,7%	2,2%	0,5%	2,3%	0,2%	5,7%
	2015	2,3%	1,1%	3,4%	1,3%	6,5%	0,0%	4,5%
	2015-1985	1,1	0,4	1,2	0,8	4,3	-0,2	-1,2
Franca	1985	0,9%	0,4%	2,0%	0,2%	0,2%	37,7%	2,0%
	2015	1,5%	0,6%	3,6%	0,6%	1,0%	43,9%	3,8%
	2015-1985	0,5	0,2	1,6	0,4	0,7	6,2	1,8
Marília	1985	1,8%	0,4%	0,3%	0,7%	0,7%	0,8%	5,2%
	2015	2,8%	0,6%	0,6%	1,3%	0,9%	1,0%	4,9%
	2015-1985	1,0	0,2	0,4	0,6	0,2	0,2	-0,3
Presidente Prudente	1985	1,7%	0,3%	1,1%	0,2%	0,2%	0,6%	2,7%
	2015	1,8%	0,6%	2,4%	2,0%	1,3%	0,2%	3,2%
	2015-1985	0,1	0,3	1,4	1,8	1,1	-0,3	0,5
Registro	1985	0,8%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,5%
	2015	0,1%	0,0%	0,1%	0,3%	0,1%	0,0%	0,2%
	2015-1985	-0,7	0,0	0,1	0,1	0,1	0,0	-0,3
Ribeirão Preto	1985	2,1%	1,0%	1,9%	1,1%	0,9%	1,4%	7,6%
	2015	2,5%	2,4%	4,9%	2,6%	1,1%	0,4%	7,0%
	2015-1985	0,5	1,4	3,0	1,5	0,2	-1,0	-0,6
Santos	1985	0,7%	1,3%	0,9%	3,9%	0,4%	0,4%	1,5%
	2015	0,4%	0,8%	0,4%	1,1%	0,4%	0,0%	0,8%
	2015-1985	-0,4	-0,5	-0,5	-2,7	0,0	-0,4	-0,6
São José do Rio Preto	1985	8,5%	0,7%	1,0%	0,4%	1,1%	0,7%	3,6%
	2015	14,7%	1,4%	3,2%	3,0%	3,0%	1,4%	6,4%
	2015-1985	6,2	0,7	2,2	2,7	1,9	0,8	2,8
São José dos Campos	1985	1,3%	2,9%	5,9%	4,4%	2,5%	3,3%	1,7%
	2015	2,5%	3,9%	2,3%	3,8%	1,7%	0,1%	3,1%
	2015-1985	1,2	1,0	-3,6	-0,6	-0,8	-3,2	1,4
São Paulo	1985	53,3%	74,2%	69,3%	73,9%	62,1%	17,9%	31,9%
	2015	29,2%	59,3%	48,9%	48,6%	46,1%	3,5%	26,1%
	2015-1985	-24,1	-14,9	-20,4	-25,3	-16,0	-14,4	-5,8
Sorocaba	1985	7,8%	2,8%	2,6%	2,3%	8,6%	3,3%	4,7%
	2015	13,1%	4,7%	7,6%	5,3%	11,0%	0,9%	7,4%
	2015-1985	5,2	1,9	5,0	3,0	2,5	-2,5	2,8

Fonte: RAIS-MTE

3.1.3. Evolução dos Estabelecimentos Industriais Paulistas

A Indústria de Transformação em São Paulo também sofreu grande perda de participação em relação ao número de estabelecimentos para os outros setores da economia durante o período de 1985 a 2015, registrando, em 2015, as menores participações da série analisada. A indústria de transformação chegou a deter 17,6% dos estabelecimentos paulistas em 1986, mas passou a deter apenas 10,0% em 2015, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego.

Gráfico 9: Evolução da Participação da Indústria de Transformação nos Estabelecimentos Paulistas (1985 a 2015)



Fonte: RAIS - MTE

3.1.4. Migração dos Estabelecimentos Industriais Paulistas para Outros Estados Brasileiros

A perda de participação da indústria de transformação no total de estabelecimentos é maior no Estado de São Paulo do que no Brasil como um todo. Isto tem como uma de suas causas a migração de estabelecimentos para outros Estados.

Para esta análise, utilizamos dados de estabelecimentos industriais da RAIS-MTE para os anos de 1985 e 2015. Para permitir a formação desta série mais longa, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada para esta análise é a classificação de setor IBGE. Esta classificação é diferente da utilizada ao longo deste trabalho para a distribuição setorial pontual (ano de 2015), para a qual utilizamos a classificação por CNAE 2.0. Enquanto a classificação por setor IBGE permite uma série mais longa, a classificação por CNAE 2.0 permite uma abertura maior de setores.

Ademais, selecionamos apenas estabelecimentos da indústria de transformação com 100 ou mais empregados formais (médio e grande porte). Assim evitamos a contagem dos estabelecimentos de pequeno porte que podem indicar um estabelecimento novo ou um estabelecimento que está encerrando suas atividades.

No Brasil, a quantidade de estabelecimentos industriais com 100 ou mais empregados formais cresceu nos últimos 30 anos, segundo RAIS-MTE, de 9.166 para 11.271 (+ 23,0%). Em São Paulo, por outro lado, a quantidade de estabelecimentos industriais de grande e médio porte caiu no mesmo período, passando de 4.557 para 4.141 (-9,1%). Com isso, a participação de São Paulo no total de estabelecimentos de grande e médio porte caiu de 49,7% para 36,7% (-13,0 p.p.).

Além de São Paulo, o Rio de Janeiro também perdeu uma grande quantidade de estabelecimentos de grande e médio porte no período, passando de 848 para 594 (-30,0%). Com isso, a participação do Estado no total de estabelecimentos de grande e médio porte caiu de 9,3% para 5,3% (-4,0 p.p.).

A perda de estabelecimentos industriais no Estado de São Paulo é bastante destacada, mas o ganho de estabelecimentos industriais esteve mais diluído. A maioria dos Estados ganhou participação, com destaque para Santa Catarina (de 5,0% em 1985 para 8,4% em 2015, +3,4 p.p.); Paraná (de 4,7% para 8,1%, +3,4 p.p.); Minas Gerais (de 6,9% para 9,7%, +2,8 p.p.); Goiás (de 0,7% para 2,6%, +1,9 p.p). Cabe ressaltar que, em 1985, o Estado de Tocantins ainda não havia sido criado, sendo que seu território, nesta época, pertencia ao Estado de Goiás.

Tabela 13: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1985 e 2015 por Estados Brasileiros, Participação no Brasil e Variação no Período

Estados	1985		2015		Variação 1985-2015	
	Estabele-cimentos	Partici-pação no Brasil	Estabele-cimentos	Partici-pação no Brasil	No número estabelecimen-tos (em %)	Na participa-ção no Brasil (em p.p.)
São Paulo	4.557	49,7%	4.141	36,7%	-9,1%	-13,0
Rio Grande do Sul	1026	11,2%	1106	9,8%	7,8%	-1,4
Minas Gerais	636	6,9%	1096	9,7%	72,3%	2,8
Santa Catarina	454	5,0%	948	8,4%	108,8%	3,4
Paraná	429	4,7%	916	8,1%	113,5%	3,4
Rio de Janeiro	848	9,3%	594	5,3%	-30,0%	-4,0
Bahia	186	2,0%	342	3,0%	83,9%	1,0
Ceará	144	1,6%	314	2,8%	118,1%	1,2
Goiás	62	0,7%	293	2,6%	372,6%	1,9
Pernambuco	226	2,5%	252	2,2%	11,5%	-0,3
Amazonas	105	1,1%	206	1,8%	96,2%	0,7
Espírito Santo	85	0,9%	155	1,4%	82,4%	0,5
Pará	89	1,0%	147	1,3%	65,2%	0,3
Mato Grosso do Sul	19	0,2%	125	1,1%	557,9%	0,9
Mato Grosso	17	0,2%	120	1,1%	605,9%	0,9
Paraíba	59	0,6%	90	0,8%	52,5%	0,2
Sergipe	34	0,4%	70	0,6%	105,9%	0,2
Maranhão	31	0,3%	66	0,6%	112,9%	0,3
Rio Grande do Norte	52	0,6%	60	0,5%	15,4%	-0,1
Alagoas	58	0,6%	57	0,5%	-1,7%	-0,1
Distrito Federal	17	0,2%	53	0,5%	211,8%	0,3
Rondônia	8	0,1%	43	0,4%	437,5%	0,3
Piauí	16	0,2%	34	0,3%	112,5%	0,1
Tocantins	-	-	29	0,3%	-	-
Acre	3	0,0%	8	0,1%	166,7%	0,1
Amapá	5	0,1%	5	0,0%	0,0%	-0,1
Roraima	0	0,0%	1	0,0%	-	-
Total	**9.166**	**100,0%**	**11.271**	**100,0%**	**23,0%**	**-**

Fonte: RAIS-MTE

* Em 1985, o Estado do Tocantins ainda não havia sido criado, sendo que seu território nesta época pertencia ao Estado de Goiás.

Os setores que mais perderam estabelecimentos de 100 ou mais empregados formais em São Paulo e Rio de Janeiro, entre 1985 e 2015, foram: têxtil (346 estabelecimentos a menos em São Paulo e Rio de Janeiro e 231 estabelecimentos a mais no Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás), material elétrico e

de comunicação (234 estabelecimentos a menos em São Paulo e Rio de Janeiro e 81 estabelecimentos a mais nos mesmo quatro Estados) e metalurgia (222 estabelecimentos a menos em São Paulo e Rio de Janeiro e 40 estabelecimentos a mais nos mesmo quatro Estados).

Assim, temos que grande parte dos estabelecimentos de médio e grande porte destes três setores que deixaram de existir em São Paulo, passou a existir nos quatro Estados que mais ganharam participação no número de estabelecimentos industriais brasileiros destes portes.

Ademais, nos setores de produtos químicos e de alimentos e bebidas, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás ganharam conjuntamente, nos 30 anos, quase o dobro de estabelecimentos de 100 ou mais empregados do que os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Tabela 14: Estabelecimentos com 100 ou Mais Empregados Formais em 1985 e 2015 por Setor e Variação no Período

	Estados de São Paulo e Rio de Janeiro			Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás		
	1985	2015	Variação 1985-2015 (em nº de estabele-cimentos)	1985	2015	Variação 1985-2015 (em nº de estabele-cimentos)
Produtos de Mineral não Metálico	239	172	-67	112	146	34
Metalurgia	655	433	-222	217	257	40
Mecânica	529	481	-48	90	219	129
Material Elétrico e de Comunicação	454	220	-234	53	134	81
Material de Transporte	341	450	109	28	173	145
Madeira e Mobiliário	178	123	-55	235	306	71
Papel e Gráfica	343	336	-7	79	146	67
Borracha, Fumo, Couros	398	209	-189	70	89	19
Química	710	888	178	115	436	321
Têxtil	802	456	-346	240	471	231
Calçados	135	69	-66	52	67	15
Alimentos e Bebidas	621	898	277	290	809	519
Total da Indústria de transformação	**5.405**	**4.735**	**-670**	**1.581**	**3.253**	**1.672**

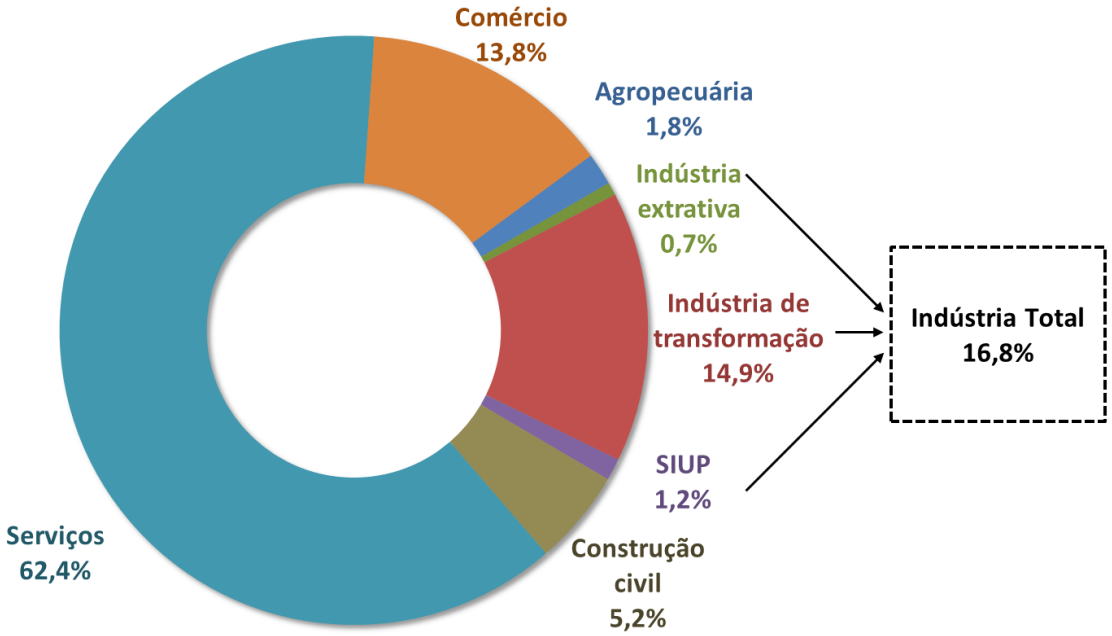
Fonte: RAIS-MTE

Estes dados oferecem fortes indícios de que está ocorrendo uma migração de indústrias paulistas para outros Estados, levando a um impacto maior no Estado de São Paulo da perda de participação da indústria na economia.

3.2. Retrato da Indústria de Transformação do Estado de São Paulo

Segundo dados das Contas Regionais do IBGE, em 2014, a indústria de transformação foi responsável por 14,9% do PIB do Estado de São Paulo. Em 2014, o setor de serviços representou 62,4% do PIB do Estado, o comércio 13,8%, a agropecuária 1,8% e a construção civil 5,2%. A indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), representava 16,8% do PIB do Estado.

Gráfico 10: PIB por Setor da Economia Paulista em 2014



Fonte: Contas Regionais / IBGE (2014)

Segundo as Contas Regionais do IBGE, através dos dados mais recentes, de 2014, o valor adicionado da Indústria de Transformação de São Paulo era de R$ 230,7 bilhões.

3.2.1. O Valor da Transformação Industrial do Estado de São Paulo

Para analisar a produção dos setores da indústria de transformação de São Paulo, a variável utilizada é o valor da transformação industrial (VTI) da indústria de transformação, uma *proxy* do valor adicionado, pois não há divulgação deste dado por Estado e por setor; o VTI é resultado do valor bruto da produção industrial menos o custo das operações da indústria.

Segundo os dados mais recentes divulgados pela Pesquisa Industrial Anual do IBGE de 2015, a Tabela 15 mostra o valor da transformação industrial dos setores da indústria de transformação de São Paulo e sua participação no valor da transformação industrial. Os setores com maior participação no valor da transformação industrial da indústria de transformação em São Paulo, e consequentemente no PIB do Estado, em 2015 são: produtos alimentícios (16,4%); produtos químicos (11,1%); coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (11,0%) e veículos automotores (9,3%).

Tabela 15: Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação por Setor no Estado de São Paulo em 2015

Setores	VTI (em milhões de R$)*	Participação % do setor no total da IT
Produtos alimentícios	58.748	16,4%
Produtos químicos	39.849	11,1%
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	39.473	11,0%
Veículos automotores, carrocerias e autopeças	33.104	9,3%
Máquinas e equipamentos	25.153	7,0%
Produtos de borracha e de material plástico	17.491	4,9%
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	17.335	4,8%
Celulose, papel e produtos de papel	14.002	3,9%
Produtos de metal, exc. máquinas e equipamentos	13.670	3,8%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	12.687	3,5%
Metalurgia	12.674	3,5%
Produtos de minerais não-metálicos	11.876	3,3%
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	10.387	2,9%
Outros equipamentos de transporte, exc. veículos automotores	8.650	2,4%
Bebidas	8.457	2,4%
Produtos têxteis	5.973	1,7%
Produtos diversos	5.617	1,6%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equiptos.	5.422	1,5%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	5.191	1,5%
Móveis	3.952	1,1%
Impressão e reprodução de gravações	3.433	1,0%
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	2.756	0,8%
Produtos de madeira	1.842	0,5%
Produtos do fumo	13	0,0%
Total da Indústria de Transformação	**357.754**	**100%**

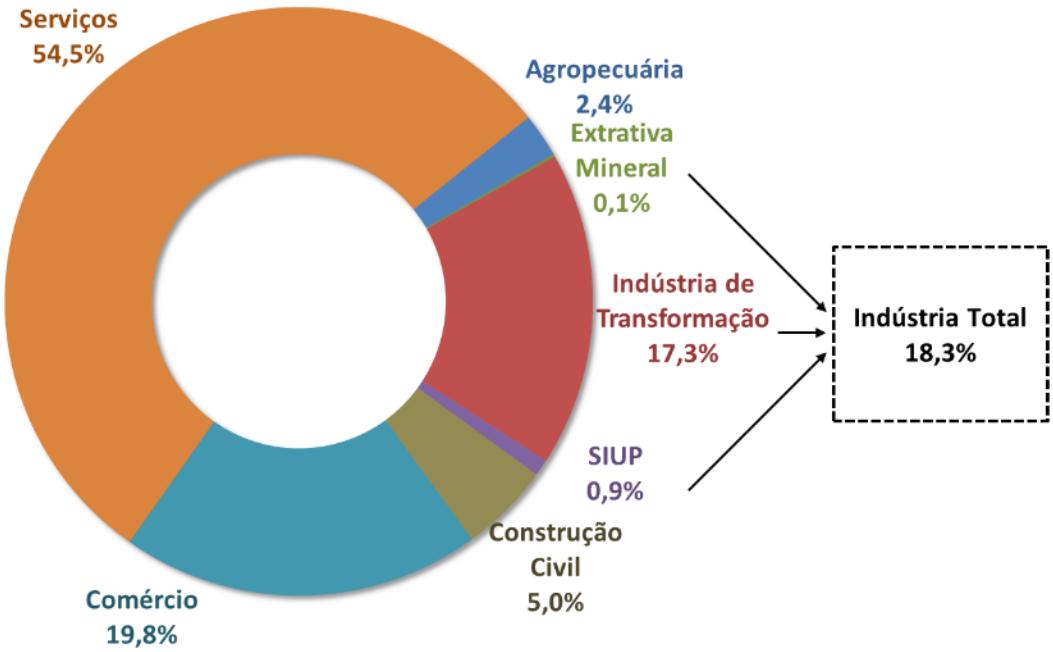
Fonte: PIA - IBGE

* Valores da PIA para empresas industriais com 5 ou mais pessoas ocupadas.

3.2.2. Empregos Formais

Segundo a RAIS-MTE, em 2015, a indústria de transformação paulista ocupava 2,4 milhões de pessoas. A indústria de transformação, em 2015, detinha 17,3%[8] dos empregos formais de São Paulo em comparação com todos os setores da economia, enquanto a indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), era responsável por 18,3% dos empregos formais em São Paulo.

Gráfico 11: Empregados Formais por Setores da Economia Paulista em 2015



Fonte: RAIS - MTE

3.2.3. Distribuição Setorial do Emprego Formal Paulista

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, entre os setores da indústria de transformação de São Paulo, o setor que mais empregava era o de alimentos (15,9% dos empregados

[8] Na análise da evolução do emprego formal indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2015), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

formais), seguido pelo de veículos automotores, carrocerias e autopeças (9,7%), de produtos de borracha e material plástico (7,6%) e de produtos de metal (7,6%), observando a Tabela 16.

Tabela 16: Empregados Formais por Setores da Indústria de Transformação Paulista em 2015

Setores da Indústria de Transformação	Empregados formais	Participação
Produtos Alimentícios	376.875	15,9%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	229.299	9,7%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	180.518	7,6%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	180.507	7,6%
Máquinas e Equipamentos	175.012	7,4%
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	151.605	6,4%
Produtos Químicos	130.368	5,5%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	105.380	4,4%
Produtos Têxteis	91.811	3,9%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	88.989	3,8%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	73.509	3,1%
Produtos Diversos	66.367	2,8%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	62.250	2,6%
Metalurgia	61.544	2,6%
Móveis	58.660	2,5%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	56.947	2,4%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	56.211	2,4%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equiptos.	50.297	2,1%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	43.468	1,8%
Impressão e Reprodução de Gravações	43.240	1,8%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	32.214	1,4%
Bebidas	30.264	1,3%
Produtos de Madeira	24.497	1,0%
Produtos do Fumo	1.789	0,1%
Total da Indústria de Transformação	**2.371.621**	**100,0%**

Fonte: RAIS-MTE

3.2.4. Distribuição dos Empregos Formais Industriais por Região Administrativa

Segundo informações da Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), o Estado de São Paulo é dividido em 15 Regiões Administrativas (RA). A região administrativa é uma subdivisão do Estado

de São Paulo, composta por diversos municípios de uma determinada área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Esta divisão foi criada pelo IBGE e não constitui região política ou administrativa, sendo apenas para fins estatísticos.

A partir dos dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, observando a Tabela 17, a Região Metropolitana de São Paulo representava 39,0% do emprego formal na indústria de transformação do Estado de São Paulo, seguida pela Região Administrativa de Campinas com 23,7% e pela Região Administrativa de Sorocaba com 8,3%.

Analisamos quais são os setores por Região Administrativa com maior participação no número de empregados formais da indústria de transformação em 2015.

Na Região Metropolitana de São Paulo, os setores que se destacaram em 2015 em relação ao emprego formal na indústria de transformação foram: veículos automotores, carroceria e autopeças, com 11,4%; produtos de borracha e material plástico, com 10,4% e produtos de metal, com 9,5%.

Já na Região Administrativa de Campinas, o setor de produtos alimentícios registrou uma participação de 12,4% no total do emprego formal da indústria de transformação, o setor de veículos automotores, carrocerias e autopeças ocupou 12,2% e o setor de máquinas e equipamentos ocupou 8,9% do emprego formal.

Na Região Administrativa de Sorocaba, o setor de destaque foi o de produtos alimentícios, que ocupava 12,5% dos empregados formais na indústria de transformação, seguido de veículos automotores, carroceria e autopeças, com 11,4%, e o setor de confecção de artigos do vestuário e acessórios, com 8,9% do emprego formal.

No total do Estado de São Paulo e em duas das três principais regiões administrativas em número de empregados formais, o setor de alimentos se destaca entre os setores com maior participação no emprego industrial. Na Região Metropolitana de São Paulo, no entanto, este setor ocupa apenas a quinta colocação, sendo responsável por 8,2% do emprego formal na indústria de transformação.

O setor de veículos automotores e autopeças, por outro lado, está em segundo lugar entre os setores industriais que mais empregam no total do Estado e está entre os dois setores que mais empregam nas três principais Regiões Administrativas.

Tabela 17: Empregados Formais da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015

Regiões Administrativas	Empregados Formais	Participação
São Paulo	925.665	39,0%
Campinas	561.445	23,7%
Sorocaba	197.845	8,3%
São José dos Campos	115.283	4,9%
São José do Rio Preto	91.567	3,9%
Ribeirão Preto	81.410	3,4%
Central	80.677	3,4%
Bauru	69.970	3,0%
Franca	56.744	2,4%
Araçatuba	53.605	2,3%
Marília	49.489	2,1%
Presidente Prudente	37.625	1,6%
Barretos	27.516	1,2%
Santos	19.608	0,8%
Registro	3.172	0,1%
Total do Estado	**2.371.621**	**100%**

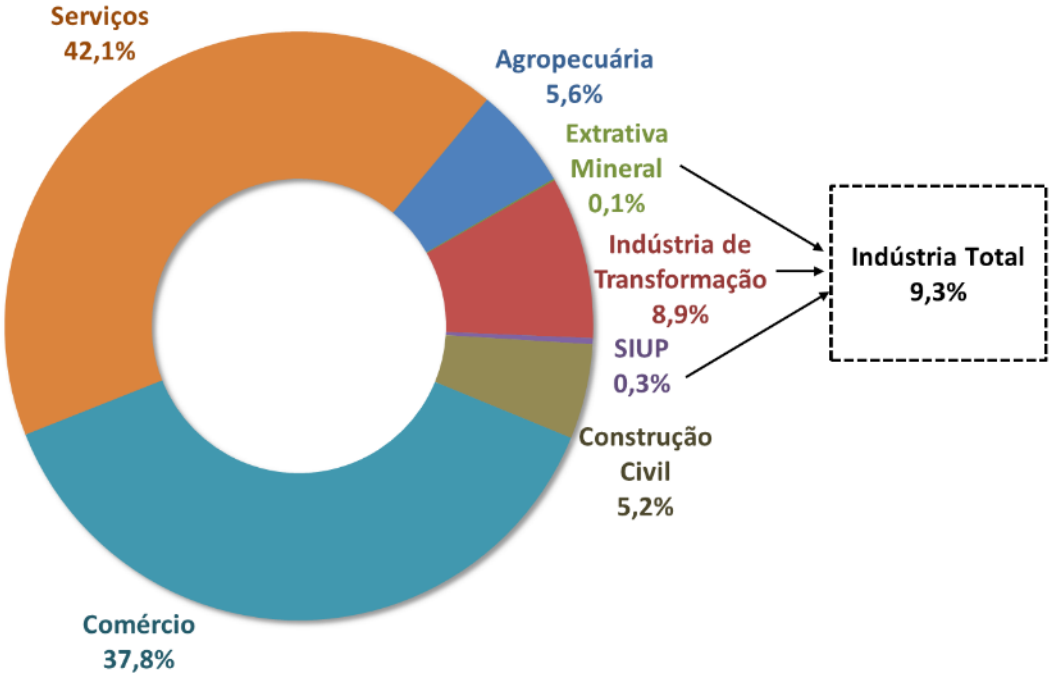
Fonte: RAIS-MTE

3.2.5. Estabelecimentos Industriais

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2015, a Indústria de Transformação detinha 92.226 estabelecimentos no Estado de São Paulo, o que representa 8,9%[9] dos estabelecimentos de todos os setores da economia de São Paulo. Por outro lado, a indústria total, constituída pela indústria de transformação, pela indústria extrativa Mineral e pelos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), registrava 9,3% dos estabelecimentos de São Paulo.

[9] Na análise da evolução dos estabelecimentos da indústria de transformação, a classificação da indústria de transformação e de seus subsetores utilizada foi a classificação de setor IBGE, para permitir a formação desta série mais longa. Nesta análise de distribuição setorial pontual (ano de 2015), utilizamos a classificação por CNAE 2.0, que permite uma abertura maior de setores.

Gráfico 12: Estabelecimentos por Setores da Economia Paulista em 2015



Fonte: RAIS- MTE

3.2.6. Distribuição Setorial dos Estabelecimentos Industriais

Analisando os dados da Tabela 18, percebe-se que, entre os setores da indústria de transformação do Estado de São Paulo, o setor que mais tinha estabelecimentos em 2015, segundo a RAIS-MTE, era o de confecções de artigos do vestuário e acessórios (15,5% dos estabelecimentos da indústria de transformação), seguido por produtos de metal (13,0%) e, em terceiro lugar, pelo setor de produtos alimentícios (8,4%).

Tabela 18: Estabelecimentos por Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2015

Setores da Indústria de Transformação	Número de estabelecimentos	Participação
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	14.311	15,5%
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equipamentos	11.994	13,0%
Produtos Alimentícios	7.723	8,4%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equiptos.	6.727	7,3%
Máquinas e Equipamentos	6.160	6,7%
Produtos de Borracha e de Material Plástico	5.880	6,4%
Produtos de Minerais Não-Metálicos	5.068	5,5%
Móveis	4.152	4,5%
Produtos Diversos	4.020	4,4%
Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados	3.537	3,8%
Impressão e Reprodução de Gravações	3.522	3,8%
Produtos Têxteis	3.379	3,7%
Produtos Químicos	3.376	3,7%
Veículos Automotores, Carrocerias e Autopeças	2.388	2,6%
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	2.172	2,4%
Produtos de Madeira	1.697	1,8%
Celulose, Papel e Produtos de Papel	1.654	1,8%
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	1.609	1,7%
Metalurgia	1.510	1,6%
Bebidas	425	0,5%
Outros Equipamentos de Transporte, exc. Veículos Automotores	382	0,4%
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	340	0,4%
Coque, Derivados do Petróleo e Biocombustíveis	182	0,2%
Produtos do Fumo	18	0,0%
Total da Indústria de Transformação	**92.226**	**100,0%**

Fonte: RAIS - MTE

3.2.7. Distribuição dos Estabelecimentos Industriais por Regiões Administrativas

Segundo os dados da RAIS-MTE apresentados na Tabela 19, em 2015, as Regiões Administrativas de São Paulo que se destacaram em número de estabelecimentos foram: Região Metropolitana de São Paulo (com 43,0% dos estabelecimentos da indústria de transformação do Estado); Região Administrativa de Campinas (21,3%) e Região Administrativa de Sorocaba (6,6%).

Abrindo por setores, na Região Metropolitana de São Paulo, o setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios se destacou com 21,7% dos estabelecimentos da indústria de transformação do Estado, seguido por produtos de metal com 12,9% e pelo setor de produtos de borracha e material plástico com 8,3%.

Na Região Administrativa de Campinas, o setor de destaque é o de produtos de metal, com 14,6% dos estabelecimentos da indústria de transformação da região, seguido por confecção de artigos de vestuário e acessórios com 10,6% e pelo setor de máquinas e equipamentos com 9,1%.

Na Região Administrativa de Sorocaba, 14,7% dos estabelecimentos da indústria de transformação da região encontravam-se no setor de produtos de metal. O setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios detinha também 13,5%, e o setor de produtos alimentícios ocupava 11,4%.

Quando observamos a distribuição dos estabelecimentos dos setores da indústria de transformação entre as Regiões Administrativas, destacam-se sempre as regiões de São Paulo e Campinas. A exceção é o setor de artefatos de couro e calçados, no qual os destaques são as regiões de Franca, Araçatuba e Bauru, onde estão localizados os polos calçadistas de Franca, Birigui e Jaú, respectivamente.

Tabela 19: Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015

Regiões Administrativas	Nº de estabelecimentos	Participação
São Paulo	39.662	43,0%
Campinas	19.625	21,3%
Sorocaba	6.112	6,6%
São José do Rio Preto	4.385	4,8%
Franca	3.433	3,7%
Central	3.121	3,4%
São José dos Campos	2.990	3,2%
Ribeirão Preto	2.938	3,2%
Bauru	2.613	2,8%
Araçatuba	2.063	2,2%
Marília	1.989	2,2%
Presidente Prudente	1.495	1,6%
Santos	958	1,0%
Barretos	617	0,7%
Registro	225	0,2%
Total do Estado	**92.226**	**100%**

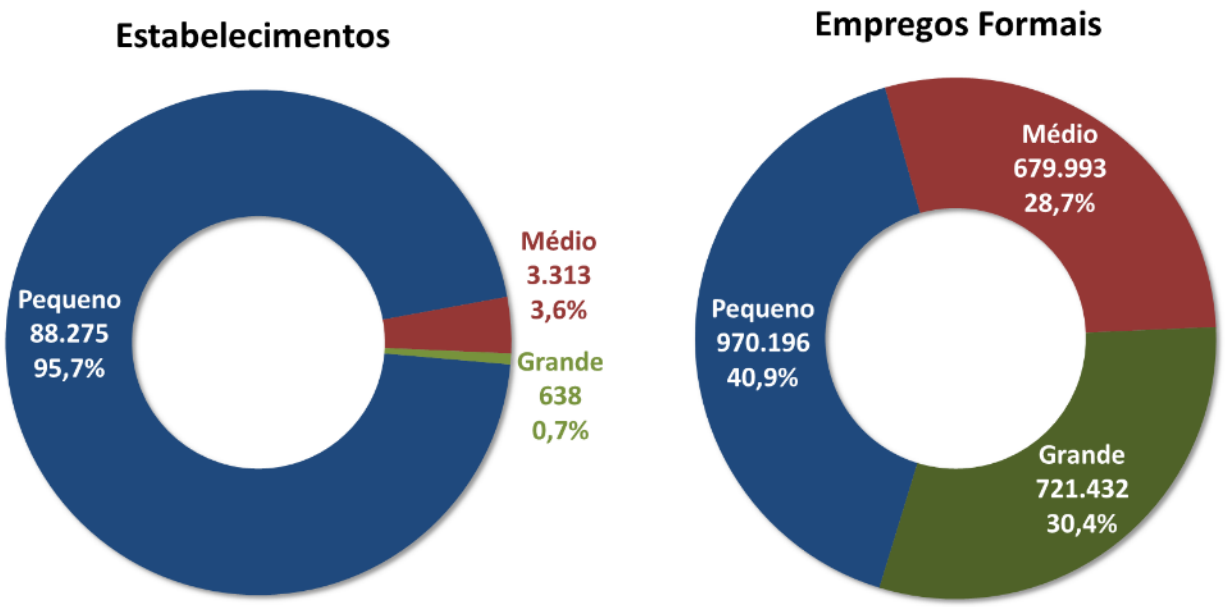
Fonte: RAIS-MTE

3.2.8. Distribuição da Indústria Paulista por Porte

Segundo os dados da RAIS-MTE, em 2015, os estabelecimentos da Indústria de Transformação de São Paulo tinham, em média, 25,7 empregados formais. Assim como na análise do Brasil, os estabelecimentos de pequeno porte, com até 99 empregados formais, eram a maioria em 2015, com 95,7% dos estabelecimentos, o que correspondia a 88.275 estabelecimentos. Já os estabelecimentos de porte médio, com 100 a 499 empregados formais, representavam 3,6% do total (3.313 estabelecimentos). Os estabelecimentos com mais de 500 empregados formais, de grande porte, representavam 0,7% do total (638 estabelecimentos).

Apesar de representarem a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação em São Paulo, os de pequeno porte empregavam 40,9% dos empregados formais, o que totalizava 970,2 mil pessoas. Por sua vez, os estabelecimentos de porte médio empregavam 28,7% dos empregados formais (680,0 mil pessoas). E os estabelecimentos de grande porte empregavam mais que os de médio porte, 721,4 mil pessoas, que representam 30,4% do emprego formal.

Gráfico 13: Estabelecimentos e Empregados Formais da Indústria de Transformação por Porte em 2015 em São Paulo



Fonte: RAIS – MTE

Analisando por setores, assim como na análise do Brasil, coque, derivados de petróleo e biocombustíveis é o setor com maior concentração de estabelecimentos de grande porte. Neste setor, 17,6% dos estabelecimentos tinham 500 ou mais empregados formais em 2015. Por outro lado, o setor com o

maior número de estabelecimentos deste porte é o de alimentos, com um total de 179 estabelecimentos deste porte. Já o setor farmacêutico destaca-se pela concentração de estabelecimentos médios, com 100 a 499 empregados formais, em São Paulo, com 27,4% dos estabelecimentos de médio porte.

Os setores com maior concentração de estabelecimentos de pequeno porte são: manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (99,3%) e confecção de artigos do vestuário e acessórios (98,8%), que, consequentemente, apresentam os menores portes médios entre os setores da indústria de transformação em São Paulo: 7,5 e 10,6 empregados por estabelecimento, respectivamente.

Tabela 20: Porte Médio e Quantidade de Estabelecimentos por Porte dos Setores da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo em 2015

Setores	Empregados por Estabele-cimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Coque, Petróleo e Biocombustíveis	238,8	129 (70,9%)	21 (11,5%)	32 (17,6%)
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	167,5	223 (65,6%)	93 (27,4%)	24 (7,1%)
Produtos do Fumo	99,4	15 (83,3%)	2 (11,1%)	1 (5,6%)
Veículos, Carrocerias e Autopeças	96,0	2.012 (84,3%)	286 (12,0%)	90 (3,8%)
Outros Equipamentos de Transporte	84,3	339 (88,7%)	36 (9,4%)	7 (1,8%)
Bebidas	71,2	365 (85,9%)	43 (10,1%)	17 (4,0%)
Produtos Alimentícios	48,8	7.126 (92,3%)	418 (5,4%)	179 (2,3%)
Celulose, Papel e Produtos de Papel	44,4	1.494 (90,3%)	132 (8,0%)	28 (1,7%)
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	41,0	1.992 (91,7%)	159 (7,3%)	21 (1,0%)
Metalurgia	40,8	1.418 (93,9%)	76 (5,0%)	16 (1,1%)
Informática, Eletrônicos e Ópticos	38,7	1.511 (93,9%)	82 (5,1%)	16 (1,0%)
Produtos Químicos	38,6	3.107 (92,0%)	231 (6,8%)	38 (1,1%)
Produtos de Borracha e de Material Plástico	30,7	5.529 (94,0%)	322 (5,5%)	29 (0,5%)
Máquinas e Equipamentos	28,4	5.820 (94,5%)	303 (4,9%)	37 (0,6%)
Produtos Têxteis	27,2	3.179 (94,1%)	180 (5,3%)	20 (0,6%)
Produtos de Minerais Não-Metálicos	20,8	4.920 (97,1%)	126 (2,5%)	22 (0,4%)
Produtos Diversos	16,5	3.918 (97,5%)	96 (2,4%)	6 (0,1%)
Artefs. Couro, Artigos para Viagem e Calçados	15,9	3.448 (97,5%)	77 (2,2%)	12 (0,3%)
Produtos de Metal, exc. Máquinas e Equiptos.	15,0	11.721 (97,7%)	262 (2,2%)	11 (0,1%)
Produtos de Madeira	14,4	1.666 (98,2%)	27 (1,6%)	4 (0,2%)
Móveis	14,1	4.068 (98,0%)	75 (1,8%)	9 (0,2%)
Impressão e Reprodução de Gravações	12,3	3.458 (98,2%)	55 (1,6%)	9 (0,3%)
Artigos do Vestuário e Acessórios	10,6	14.140 (98,8%)	162 (1,1%)	9 (0,1%)
Manutenção, Reparação e Instalação	7,5	6.677 (99,3%)	49 (0,7%)	1 (0,0%)
Total da Indústria de Transformação	**25,7**	**88.275 (95,7%)**	**3.313 (3,6%)**	**638 (0,7%)**

Fonte: RAIS - MTE

Ao comparar o Brasil com o Estado de São Paulo, a Tabela 21 mostra que o porte médio do Estado de São Paulo (25,7 empregados formais por estabelecimento) é maior que o do Brasil (20,6), o que pode ser explicado pela maior concentração de empresas de grande e médio porte no Estado.

Tabela 21: Quantidade de Estabelecimentos da Indústria de Transformação por Porte em São Paulo e no Brasil em 2015

	Empregados por Estabelecimento	Pequeno Porte	Médio Porte	Grande Porte
Brasil	20,6	337.826 (96,9%)	8.955 (2,6%)	1.842 (0,5%)
São Paulo	**25,7**	**88.275 (95,7%)**	**3.313 (3,6%)**	**638 (0,7%)**

Fonte: RAIS - MTE

3.2.9. Distribuição Espacial das Empresas de Grande Porte da Indústria de Transformação no Estado de São Paulo

Em 2015, segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, a maior parte dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte (500 ou mais empregados formais), estava concentrada na Região Metropolitana de São Paulo, que detinha 31,5% dos estabelecimentos deste porte do Estado (201 estabelecimentos). Em segundo lugar, estava a Região Administrativa de Campinas, com 26,3% (168 estabelecimentos), e, em terceiro lugar, a Região Administrativa de Sorocaba, com 8,2% (52 estabelecimentos).

Tabela 22: Estabelecimentos da Indústria de Transformação de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015

Regiões Administrativas	Nº de estabelecimentos da Ind. de Transformação de grande porte	%Participação da RA no Estado de SP
RM de São Paulo	201	31,5%
Campinas	168	26,3%
Sorocaba	52	8,2%
São José dos Campos	33	5,2%
Bauru	26	4,1%
Central	25	3,9%
São José do Rio Preto	23	3,6%
Araçatuba	22	3,4%
Ribeirão Preto	22	3,4%
Marília	17	2,7%
Presidente Prudente	17	2,7%
Barretos	14	2,2%
Franca	14	2,2%
Santos	3	0,5%
Registro	1	0,2%
Total do Estado	**638**	**100,0%**

Fonte: RAIS - MTE

O mapa abaixo ilustra a distribuição dos estabelecimentos industriais com mais de 500 empregados formais por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo. A maior concentração de estabelecimento de grande porte está nas Regiões Administrativas de São Paulo, Campinas e Sorocaba.

A Região Administrativa de Franca apresenta a maior participação da indústria de transformação no total dos setores da economia, tanto em número de estabelecimentos (14,9%) quanto em empregados formais (31,8%). Entretanto, apesar de ser famosa por seu polo calçadista, Franca não se destaca na distribuição dos estabelecimentos de grande porte. Isto porque dos 1.878 estabelecimentos de couro e calçados de Franca, que representam 55% dos estabelecimentos industriais da região, apenas dois são de grande porte.

Figura 2: Distribuição dos Estabelecimentos de Grande Porte (500 ou mais empregados formais) por Regiões Administrativas do Estado de São Paulo em 2015

Fonte: RAIS - MTE

Observou-se a distribuição entre as Regiões Administrativas dos estabelecimentos da indústria de transformação de grande porte para os setores com maior número estabelecimentos com 500 ou mais empregados formais no Estado de São Paulo em 2015.

O setor de produtos alimentícios apresentou maior concentração na Região Administrativa de Campinas, com 18,4% dos estabelecimentos de grande porte do Estado, São Paulo concentrava 16,2% dos estabelecimentos de grande porte desse setor.

O setor de veículos automotores concentrava 42,2% de seus estabelecimentos de grande porte na Região Metropolitana de São Paulo e 36,7% em Campinas.

O setor de produtos químicos concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (57,9%), seguido por Campinas (26,3%).

O setor de máquinas e equipamentos concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (29,7%) e Campinas (29,7%).

O setor de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis concentrava 21,9% de seus estabelecimentos de grande porte na Região Administrativa de São José do Rio Preto e 15,6% tanto em Bauru quanto em Presidente Prudente.

O setor de produtos de borracha e plástico concentrava seus estabelecimentos de grande porte em São Paulo (48,3%), seguido por Campinas (27,6%).

Tabela 23: Regiões Administrativas de São Paulo que Concentram a Maior Parte dos Estabelecimentos de Grande Porte nos Setores de Maior Participação no Total de Empregados Formais em 2015

Setores	1º lugar		2º lugar	
Produtos alimentícios	Campinas	33 estab. (18,4%)	São Paulo	29 estab. (16,2%)
Veículos automotores	São Paulo	38 estab. (42,2%)	Campinas	33 estab. (36,7%)
Produtos químicos	São Paulo	22 estab. (57,9%)	Campinas	10 estab. (26,3%)
Máquinas e equipamentos	Campinas	11 estab. (29,7%)		
	São Paulo	11 estab. (29,7%)		
Coque, petróleo e biocombustíveis	SJ Rio Preto	7 estab. (21,9%)	Bauru	5 estab. (15,6%)
			Pres Prudente	5 estab. (15,6%)
Produtos de borracha e plástico	São Paulo	14 estab. (48,3%)	Campinas	8 estab. (27,6%)

Fonte: RAIS – MTE

4. ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) é a maior entidade de classe da indústria brasileira, representando 23 setores produtivos, de todos os portes e das mais diversas cadeias produtivas, distribuídas em 131 sindicatos patronais, e alcança cerca de 150 mil empresas associadas.

A Fiesp não é um órgão público, mas sim uma entidade de filiação, onde os sindicatos patronais se filiam em busca de uma instituição representativa do setor produtivo e que defenda a iniciativa privada e a economia de mercado, estando, assim, atenta às questões nacionais que impactam na atividade industrial.

Para defender os interesses da indústria, a Fiesp acaba batalhando pelo desenvolvimento do país. Em suas campanhas em defesa da indústria, a federação conquistou vitórias importantes para toda a sociedade, como a derrubada da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, conhecido como imposto do cheque) e diminuição do custo da energia elétrica. E ainda luta pela desoneração tributária, redução de juros, combate dos *spreads* bancários, câmbio equilibrado e obras de infraestrutura.

Para se manter, a Fiesp tem como fonte de recursos a contribuição anual sindical das empresas. O valor da contribuição é pago por todas as empresas e estabelecido de acordo com seu capital social sendo automaticamente distribuído entre o sindicato a qual a empresa é afiliada (60%), a Federação que a representa (15%), a Confederação Nacional da Indústria (5%) e o Ministério do Trabalho e do Emprego (20%). No caso de a empresa não ser filiada a nenhum sindicato, 75% da contribuição sindical é destinado a sua Federação.

Além da Fiesp, integram o sistema o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), que defende os interesses de suas empresas associadas; e o Serviço Social da Indústria da São Paulo (Sesi-SP) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de São Paulo (Senai-SP), como os braços educacional, social e cultural do setor produtivo.

Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo)

A Fiesp tem como filiados os sindicatos patronais. Já o Ciesp recebe como associadas as empresas. O Ciesp é a maior entidade representativa do setor industrial na América Latina, com sede na capital, também está presente no interior do Estado de São Paulo, por meio de suas 42 Diretorias Regionais, Municipais e

Distritais, formando uma sólida estrutura a serviço de cerca de 10 mil empresas associadas, o que permite que a instituição tenha uma jurisdição bastante ampla e de alcance estadual.

Fundado em 1928, o Ciesp é uma entidade civil sem fins lucrativos que reúne empresas industriais, associações ligadas ao setor produtivo e, também, empresas cujas atividades estão diretamente relacionadas aos interesses das indústrias. Por sua influência e legitimidade, o Ciesp atua como interlocutor das empresas frente aos poderes públicos na busca de soluções de problemas que afetam seus interesses.

A fonte de recursos do Ciesp é obtida através da contribuição voluntária dos associados. Além da representatividade, a entidade oferece um conjunto de serviços, bem como assessoria nas áreas jurídico-consultiva e técnica, econômica, comércio exterior, infraestrutura, tecnologia industrial, responsabilidade social, meio ambiente, acesso às instituições de créditos e apoio em pesquisas, feiras, simpósios, rodadas de negócios, cursos, convênios e demais eventos promovidos pelo Ciesp.

Diferentemente de um sindicato, o Ciesp defende os interesses da indústria como um todo, enquanto os sindicatos focam sua atuação na atividade produtiva específica do seu setor e nas relações de trabalho de sua categoria. Além disso, o Ciesp atua em todo o estado de São Paulo por meio das suas regionais espalhadas em pontos estratégicos, enquanto os sindicatos têm jurisdição limitada.

Sesi-SP e Senai-SP

O Sesi-SP possui 173 escolas de ensino fundamental e médio, responsáveis por mais de 400 mil matrículas, nas quais as famílias beneficiam-se da alta qualidade de seus serviços educacionais, sendo por isso referência em nosso país, oferecendo ainda atividades complementares em esporte, cultura, lazer e saúde.

Já o Senai-SP conta com 170 unidades de ensino profissionalizante voltados para a indústria, alcançando, assim, expressivos resultados nas diferentes áreas de atuação. Além disso, oferece cursos de qualificação e atendimento técnico às indústrias em suas demandas específicas. A cada ano, mais de um milhão de jovens e adultos recebem formação e qualificação profissional, em programas focados no mercado e em suas tendências, o que é fundamental para o desenvolvimento e o aprimoramento da mão de obra no Brasil. Uma contribuição mais recente do Senai-SP é a oferta de cursos superiores de tecnologia em áreas demandadas pela indústria.

Para manter as estruturas de educação, cultura e programas de assistência social, a fonte de recursos do Sesi e do Senai é a contribuição compulsória do setor industrial: 1% sobre o montante da remuneração paga pelos estabelecimentos industriais contribuintes a todos seus empregados é destinado ao

Senai para educação, atividades profissionalizantes; e 1,5% sobre o montante da remuneração paga a seus empregados é destinado ao Sesi para educação e cultura, incluindo programas de assistência social. Portanto, o empresário industrial e seus colaboradores têm a oportunidade de se aproximar das conceituadas instituições mantidas pela indústria: o Sesi e o Senai.

A indústria paulista sustenta esse conjunto formado por Fiesp, Ciesp, Sesi-SP e Senai-SP e é apoiada por ele, recebendo mão de obra capacitada, serviços e defesa de seus interesses. Neste modelo, a indústria paulista e suas instituições de apoio contribuem para o desenvolvimento do Brasil como um todo.